

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MARLON DA SILVA JARA

**EXCLUSÃO SOCIAL DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS E TRANSGÊNEROS
NEGROS (AS)**

**SÃO BORJA
2017**

MARLON DA SILVA JARA

**EXCLUSÃO SOCIAL DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS E TRANSGÊNEROS
NEGROS (AS)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Serviço Social
da Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para a obtenção do Título
de Bacharel em Serviço Social.

Orientador: Prof. Dr. José Wesley Ferreira

**SÃO BORJA
2017**

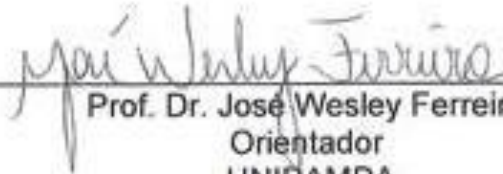
MARLON DA SILVA JARA

**EXCLUSÃO SOCIAL DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS E TRANSGÊNEROS
NEGROS (AS)**


Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Serviço Social
da Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para a obtenção do Título
de Bacharel em Serviço Social.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 03 de Julho de 2017.


Banca examinadora:



Prof. Dr. José Wesley Ferreira
Orientador
UNIPAMPA



Prof. Dr. Jorge Alexandre da Silva
UNIPAMPA



Assistente Social EPIVI Flávia Pazuch Pinto
GIRASSOL, Amigos na Diversidade

Dedico este trabalho à minha mãe Janete, quem sempre esteve ao meu lado me apoiando, e ao Welington, pelos momentos compartilhados.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe/avó Elina (in memoriam), pelo carinho, cuidado e pelo exemplo de vida. Por me ensinar que o amor é maior que tudo.

Ao meu “velho e indivisível Avohai” – avô e pai – Ramão (in memoriam), pelo exemplo de vida, pelos conselhos e pelo companheirismo.

Ao meu vô Joel (in memoriam), pelo carinho nos poucos, porém intensos, momentos juntos.

Ao meu tio Dilson (in memoriam), pelo carinho e cuidado. Por me ensinar que a felicidade pode estar nas coisas simples da vida.

À minha tia Marcelina (in memoriam), pelo carinho, incentivo e suporte.

À minha mãe Janete, meu maior exemplo de vida, pelo amor, carinho e cuidado. Pela amizade, companheirismo e incentivo. Por preencher meus dias de beleza e de amor.

Ao Welington Ruis pelo companheirismo, pelo incentivo e por todos os momentos compartilhados. Por transbordar e me contagiar com a sua empatia, sensibilidade e força.

Às minhas tias, Maria de Lourdes, Estela, Zulmira e Regina pelo amor, carinho e cuidado. Pelo suporte, pela paciência e pela maravilhosa companhia.

Aos meus tios João Ramão e José Pedro pelo carinho, cuidado e pela companhia.

À minha mãe Terezinha e ao meu pai Antonio pelo carinho, cuidado e pelos irmãos e irmãs mais maravilhosos do mundo.

À minha tia Vera pelo carinho, cuidado e pelos momentos sempre especiais.

Às minhas irmãs e irmãos Lisiane, Lidiane, Marcelo, Marcio, Lilian, Luciane, Luana, Lucele e Leonara pelo carinho, cuidado e por tornarem todos os momentos especiais.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas, Calvin, Pamela, Vinicius, Mateus, Wagner, Sophia, Henzo e Valentini por iluminarem meus dias com seus sorrisos e sua inocência.

Ao meu cunhado Everaldo Flores pela amizade e pelo Henzo mais lindo do mundo.

À minha cunhada e amiga Vera Gomes, pelos momentos sempre especiais e pela Valentini mais linda do mundo.

Aos meus primos e primas, Camila, Leandro, Douglas, Guilherme, Fabiane e Baja, pelo carinho e companhia.

Ao Vagner Santos pela amizade.

Às minhas amigas Brunelli Moura, Natalia Souza, Manoela Martins, Pamela Ramos e Vanessa Pereira, pela amizade, carinho e cumplicidade. Por tornarem esses quatro anos de graduação especiais e inesquecíveis.

Ao professor, orientador e amigo José Wesley, por aceitar orientar este estudo, por acreditar nas minhas capacidades e por me incentivar a seguir em frente. Pelo seu comprometimento com a qualidade da formação profissional em Serviço Social, pela sua postura ética e, sobretudo, pela forma como desenvolve suas relações pessoais sempre com muita transparência.

Ao meu amigo Murilo Della Flora pela amizade, pelas horas de boa conversa, por ouvir os meus, e compartilhar comigo os seus, traumas de infância e pela companhia nas horas de pôr e nascer do sol.

Aos colegas de turma, em especial, à Nagel Fagundes, Ester Monçalves, Séfora de Oliveira, Indira Moraes, Gabriel Dorneles, Maria Dal Osto, Gessiane Casali, Marieta Barcelos, Rosimeri Nardes, Janaina da Rosa, Adeline Kunzler, Annie Lopes, Annie Jacques, Charlise Gonçalves, Verônica Castro, Jéssica Paim, Carol Vargas e Laiza Belém, pela cumplicidade.

Aos companheiros de Movimento Estudantil, Cássio Tondolo e Vanessa Roballo pela companhia na luta.

Aos colegas de curso, Caroline Lafuente, Wagner Martins, Taila Kunz e Flávio Poerschke pela inspiração.

Aos companheiros e companheiras do Levante Popular da Juventude, em especial à Rafa Ella Brites, Ezequiel Almeida, Ezequias, Almeida, Lara Lourenço, Bruna Jacques, Raio de Sol, Luthiana Soares, Lia Machado, Fernanda Schmökel e Jorge Mateus dos Santos pela inspiração e pela companhia na luta.

Aos companheiros e companheiras do NIARA, em especial à Beatriz Montalvão e Michelli Ferrioli pela inspiração.

Aos companheiros e companheiras do Movimento Social Girassol, amigos na diversidade, em especial à Lins Roballo, por contribuir com a minha formação na graduação e pela inspiração. Ao Tiago Goia, por compartilhar comigo saberes profissionais e por me fazer encarar os momentos difíceis com mais leveza. À Maria Luisa Gelatti e à Claudinha Fernandes pela luta e pelos momentos especiais.

Aos LGBTs que aceitaram participar deste estudo.

À Flávia Pazuch, por compartilhar comigo seus conhecimentos profissionais, por todos os momentos que a supervisão de estágio nos proporcionou e pela inspiração.

Ao professor Jorge Alexandre da Silva, pela maravilhosa contribuição na minha formação acadêmica, por aceitar participar da banca de defesa deste trabalho, pelas excelentes contribuições e elogios, e, sobretudo pela inspiração como pessoa e como profissional.

Aos docentes, Jaina Pedersen, Jocenir de Oliveira, Solange Berwig, Elisangela Maia Pessoa, Laura Fonseca, Simone Oliveira, Daniel Etcheverry, Monique Soares Vieira, Jaqueline Quadrado, Loiva Mara de Oliveira, Cesar Beras, Walter Cruz, Lisiane Sabedra, Vera Villar e Adriana Cantini, pela dedicação com a docência e contribuição para o meu desenvolvimento acadêmico.

Aos técnicos administrativos da UNIPAMPA campus São Borja pelo excelente trabalho realizado.

Aos trabalhadores terceirizados da UNIPAMPA campus São Borja pelo excelente trabalho prestado a universidade.

“A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la”.

Eduardo Galeano

RESUMO

O presente Trabalho de conclusão de Curso consiste em uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório a fim de conhecer a forma como a exclusão social impacta na realidade vivenciada pelos LGBTs negros. Para isso elaborou-se o seguinte problema de pesquisa: Como a exclusão social impacta na realidade vivenciada pelos LGBTs negros em São Borja? O método utilizado foi o materialismo histórico e dialético que tem como categorias centrais a totalidade, a historicidade e a contradição. Para coleta de dados foi utilizada a técnica de entrevistas semi-estruturadas. Foram entrevistados LGBTs negros da cidade de São Borja durante o período de janeiro e fevereiro de 2017. Constatou-se que os LGBT negros subjetivam a cultura idealista que informa um modo padronizado de viver da sexualidade e o gênero, obstaculizando o processo no qual os sujeitos assumem, ou não, suas identidades de gênero ou sua orientação sexual. O processo de subjetivação dos valores conservadores faz com que muitos LGBTs hospedem em suas consciências a opressão que vivenciam e passam a oprimir outros LGBTs que não se adequam a estes ideais. Entretanto, foi constatado que os LGBTs podem criar processos de resistência ao preconceito. Através da práxis na qual se assumem como LGBTs, eles estabelecem relações que contribuem para transformação da realidade onde vivem. Os LGBTs sofrem preconceito velado e explícito, tanto na família como em suas relações nos demais espaços sociais. O preconceito velado na família se mostra em falas onde os familiares procuram não abordar o tema LGBT. O preconceito explícito é identificado nos familiares quando estes se dirigem diretamente ao LGBT, demonstrando para este que ser LGBT é errado. Na sociedade o preconceito velado se mostra quando os LGBTs são ignorados, discriminados e excluídos silenciosamente por não pertencerem ao padrão heteronormativo. No preconceito explícito na sociedade, os LGBTs são discriminados e ofendidos. Como sugestões propõe-se a organização dos negros LGBTs assumidos em movimentos sociais e partidos políticos com o intuito de que essa demanda seja assumida politicamente e passe a ser pautada na gestão das políticas públicas com fins de que a temática seja trabalhada com profissionais e usuários das políticas de educação, assistência social, saúde, dentre outras.

Palavras-chave: LGBTs. Negros. Exclusão.

RESUMEN

El presente trabajo de conclusión de curso consiste en una investigación cualitativa de carácter exploratorio a fin de conocer la forma como la exclusión social impacta en la realidad vivenciada por los LGBTs negros. Para ello se elaboró el siguiente problema de investigación: ¿Cómo afecta la exclusión social en la realidad vivenciada por los LGBTs negros en São Borja? El método utilizado fue el materialismo histórico y dialéctico que tiene como categorías centrales la totalidad, la historicidad y la contradicción. Para la recolección de datos se utilizó la técnica de entrevistas semiestructuradas. Se entrevistaron a LGBT negros de la ciudad de São Borja durante el período de enero y febrero de 2017. Se constató que los LGBT negros subjetivan la cultura idealista que informa de un modo estandarizado de vivir de la sexualidad y el género, obstaculizando el proceso en el cual los sujetos O no, sus identidades de género o su orientación sexual. El proceso de subjetivación de los valores conservadores hace que muchos LGBT hospeden en sus conciencias la opresión que experimentan y pasan a oprimir otros LGBT que no se adhieren a estos ideales. Sin embargo, se constató que los LGBT pueden crear procesos de resistencia al prejuicio. A través de la praxis en la que se asumen como LGBT, ellos establecen relaciones que contribuyen a la transformación de la realidad donde viven. Los LGBT sufren preconceito velado y explícito, tanto en la familia como en sus relaciones en los demás espacios sociales. El preconceito velado en la familia se muestra en los discursos donde los familiares buscan no abordar el tema LGBT. El preconceito explícito se identifica en los familiares cuando éstos se dirigen directamente al LGBT, demostrando para el que ser LGBT es incorrecto. En la sociedad el preconceito velado se muestra cuando los LGBT son ignorados, discriminados y excluidos silenciosamente por no pertenecer al patrón heteronormativo. En el preconceito explícito en la sociedad, los LGBT son discriminados y ofendidos. Como sugerencias se propone la organización de los negros LGBTs asumidos en movimientos sociales y partidos políticos con el propósito de que esa demanda sea asumida políticamente y pase a ser pauta en la gestión de las políticas públicas con fines de que la temática sea trabajada con profesionales y usuarios de las personas Políticas de educación, asistencia social, salud, entre otras.

Palabras-clave: LGBT. Negros. Exclusión.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

DIEESE- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.

GGB- Grupo Gay da Bahia.

UFAL- Universidade Federal de Alagoas.

UNIPAMPA- Universidade Federal do Pampa.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 EXCLUSÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO LGBT NEGRA NO BRASIL..... | 14 |
| 2.1 Exclusão da população negra no Brasil..... | 14 |
| 2.2 Exclusão de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBTs) | 19 |
| 2.3 Os impactos do preconceito na realidade objetiva e subjetiva vivenciada pelos LGBTs negros | 23 |
| 3 METODOLOGIA | 26 |
| 4 OS RESULTADOS DO ESTUDO | 32 |
| 4.1 Apresentação dos sujeitos do estudo..... | 32 |
| 4.2 A subjetivação do preconceito pelos LGBTs negros: respondendo a primeira questão norteadora..... | 33 |
| 4.3 O preconceito reproduzido nas relações familiares: respondendo a segunda questão norteadora. | 50 |
| 4.4 O preconceito em diferentes espaços sociais: respondendo a terceira questão norteadora..... | 60 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 81 |
| REFERÊNCIAS..... | 87 |

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa conhecer a forma como a exclusão social impacta na realidade vivenciada pelas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBTs) negros na cidade de São Borja. Os negros, desde os primórdios da constituição da sociedade brasileira, compõem um segmento social excluído do acesso à riqueza socialmente produzida e estigmatizado por preconceitos sociais reproduzidos na cultura.

Com o fim da escravidão no Brasil não houve nenhuma política de inclusão do negro na sociedade por parte do Estado, por isso, os processos de desigualdade social com esse segmento populacional se mantêm sob novas roupagens, antes o negro tinha como seu espaço social a senzala e desenvolvia trabalho sob regime de escravidão, hoje tem predominantemente como seu espaço social as favelas e, predominantemente, desenvolvem trabalhos precários que exigem pouca qualificação já que historicamente foram excluídos do direito a habitação, educação, dentre outros direitos sociais. Esses fatores contribuem para exclusão social dos negros no Brasil e também para as precárias formas de inserção destes nas relações sociais do capitalismo brasileiro.

Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBTs) são excluídos por não se encaixarem nos padrões normatizados de identidade de gênero e orientação sexual, pois desenvolvem-se de modo diferente daquilo que é ensinado pelos padrões culturais dominantes. Esse processo pode acarretar em outras situações que agravam a exclusão como evasão escolar em decorrência de bullying sofrido nas escolas, exclusão familiar em razão da não aceitação de sua identidade de gênero ou orientação sexual e do mercado de trabalho que exigem sujeitos padronizados dentro daquilo que culturalmente é aceito como correto. Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBTs) negros possuem dois marcadores sociais que radicalizam sua exclusão social. Portanto, problematizar esse tema poderá oferecer subsídios que contribuirão para apreensão de como esses sujeitos vivenciam esses processos de exclusão favorecendo a formulação de ações que levem em conta essa realidade.

Ressalta-se a relevância desse estudo para a categoria profissional dos assistentes sociais, pois se faz importante à profissão discutir questões relacionadas a gênero e orientação sexual somadas ao preconceito e exclusão sofrido pela população negra e que se cruzam com as relações determinadas pelo modo de produção capitalista, auxiliando assim, a intervenção junto à população negra LGBT.

A exclusão da população de LGBTs negros é um problema construído socialmente, portanto assim dever ser combatido, por isso ressalta-se a importância do estudo, pois poderá subsidiar a elaboração de estratégias coletivas de enfrentamento ao problema. Os resultados do estudo também podem subsidiar a intervenção de profissionais que atendem essas demandas nos diferentes espaços sócio-ocupacionais onde se inserem.

Ressalta-se a relevância deste trabalho à formação profissional em Serviço Social, uma vez que se faz necessário desenvolver temas como este na academia a fim contribuir com a construção de conhecimento acerca da realidade vivenciada pelos LGBTs. A compreensão da forma como o preconceito atravessa suas vivências, também pode contribuir com estudos posteriores, bem como, com a intervenção profissional. O aprofundamento da temática étnica, em especial dos negros é extremamente relevante, visto que estes tiveram importante papel na formação do Brasil através do seu trabalho, e que hoje têm em sua história recente marcas da exclusão vivenciada pelo regime de trabalho no qual foram submetidos e pela não atenção do Estado no período pós-abolição.

Destaca-se que o autor deste trabalho também vivencia os impactos objetivos e subjetivos dessa exclusão uma vez que é negro e gay e vê no conhecimento da realidade produzido pelo estudo a possibilidade de obter subsídios que venham contribuir com o fortalecimento dele e de outros LGBTs negros.

O trabalho foi dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução. O segundo iniciará abordando a exclusão do negro no Brasil, trazendo à luz as dificuldades encontradas pelos negros recém-libertos pela Lei áurea segue abordando a falta de políticas que viriam a compensar o tempo de cativo condicionou/determinou suas vidas até a contemporaneidade. Seguindo, abordará as formas de exclusão de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros no Brasil, trazendo os principais fatores que subsidiam tal exclusão e por final abordará as formas nas quais essas exclusões tem rebatimento na realidade objetiva e subjetiva dos LGBTs negros no Brasil nos dias de hoje. No terceiro capítulo consta a metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho: método utilizado, tipo de pesquisa, universo e amostra, forma como se deu a análise e o tratamento dos dados obtidos. No quarto capítulo é desenvolvida a análise dos dados procurando responder ao problema de pesquisa. No último capítulo as considerações finais.

2 EXCLUSÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO LGBT NEGRA NO BRASIL

Para desvendar como ocorre a exclusão social de LGBTs¹ negros em São Borja se faz necessário buscar entender os subsídios dessa exclusão no contexto sócio-histórico no Brasil. Para isso este capítulo iniciará abordando a exclusão do negro no Brasil, trazendo à luz as dificuldades encontradas pelos negros no contexto social após abolição da escravatura. Por conseguinte, abordará a exclusão de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros no Brasil, trazendo os principais fatores que subsidiam tal exclusão para por fim convergir na abordagem das formas nas quais essas exclusões tem rebatimento na realidade objetiva e subjetiva dos negros LGBTs no Brasil nos dias de hoje.

2.1 Exclusão da população negra no Brasil

Para abordar a exclusão do negro no Brasil nos dias de hoje, se faz necessário entender que não há como abordar essa temática sem discorrer sobre a escravidão – regime de trabalho forçado no qual os negros, inicialmente, trazidos à força do continente Africano, foram submetidos -, e mais ainda, todas as dificuldades encontradas no período pós-abolição do referido regime.

Com apenas dois artigos, a lei 3.356 de 13 de maio de 1888, promulgada pela princesa regente do Brasil, extinguiu a escravidão no Brasil. Antes da formulação da referida lei 90% dos escravos brasileiros já haviam conseguido liberdade, por meio de alforria ou de fugas. A promulgação da lei constituiu em uma importante vitória do povo negro no Brasil, no entanto, inicialmente, os ex-escravos imaginavam que a liberdade seria sinônimo de acesso à terra, de poder andar livremente pelas cidades sem autorização dos senhores, de cultuar deuses africanos e de não serem tratados como seres inferiores, porém isso não se confirmou, eles não tiveram o direito de escolher onde iam trabalhar, pois apartados da terra não conseguiam sobreviver e na maioria dos casos continuaram a residir e trabalhar sem salários nas fazendas

¹ Há um embate no meio LGBT quanto à definição das letras que componentes da sigla, afim de contemplar as identidades sociais existentes, entretanto não há consenso. Optamos por utilizar somente um “T” na sigla para designar o termo Transgêneros. Transgêneros enquanto termo mais amplo engloba homens trans (transgênero/transsexual), mulheres trans (transgênero/transsexual), transgêneros não binários (não se identificam com o gênero masculino e também não se identificam com o gênero feminino) e travestis. Portanto, utilizamos o termo Transgêneros para designar toda pessoa que foge da normativa de gênero presente em nossa sociedade.

em que eram escravizados. Nessa perspectiva mantiveram-se sob a tutela dos senhores que feriam seus direitos de liberdade e religioso (ALBUQUERQUE, 2006).

A lei que promulgou a extinção da escravidão não previu nenhuma forma de reparação aos ex-escravos por todos os anos de trabalho nas fazendas, engenhos e casas onde eram cativos (ALBUQUERQUE, 2006). A abolição da escravatura terminou descolada da superação das instituições da escravidão, como o monopólio da terra na época, e assim, os dois tipos de uso do trabalho existentes no Brasil: da senzala e da casa grande, terão grande significado como heranças na desvalorização do trabalho nos pós-abolição da escravatura e no avanço do assalariamento (POCHMANN, 2010).

Segundo Albuquerque (2006), os momentos que sucederam o fim da escravidão foram de muita tensão, pois, configurou-se em um momento em que havia a disputa de interesses entre os donos dos meios de produção e os trabalhadores ex-escravos, decidindo as possibilidades e condições de liberdade. Muitos ex-escravos, após extinção do regime escravista, continuaram trabalhando nas localidades onde eram escravos, porém não queriam se submeter as condições de trabalho do regime anterior, negociando assim as condições de sua permanência, onde dentre elas era o desejo da posse de pequenos lotes de terra para garantir sua própria subsistência, pois percebiam que só poderiam efetivar sua liberdade se pudessem decidir quando, onde e como iriam trabalhar, causando indisposição com os proprietários, pois isso ia contra os interesses destes, de produzir e vender seus produtos com o mínimo de custos aliado a máxima exploração da mão de obra, como acontecia no recém extinto regime escravista.

Como podemos observar acima, a abolição da escravidão era vista pelos ex-escravos e pelas demais camadas negras da população como o fim do cativeiro e o alcance a terra, a educação e todos os direitos de cidadania dos quais os brancos já acessavam. O acesso à instrução pública - como era chamada a educação-, já era reconhecido pelo ex-escravos como algo importante para o alcance da cidadania, e o demandavam para seus filhos, porém não havia nenhuma política educacional alguma por parte de Estado visando os filhos dos ex-escravos (ALBUQUERQUE, 2006). Aliás, não havia nenhuma política de atenção à educação e ao mercado de trabalho, fazendo com que este ainda fosse um fardo ainda muito grande a ser carregado pela população negra e pelos pobres não negros (POCHMANN, 2010).

Segundo Pochmann (2010), até o início do século XX viver era, para os brasileiros, sinônimo de somente trabalhar, pois o trabalho começava muito cedo, por volta dos 5 ou 6 anos de idade e terminava somente com a morte, onde a expectativa de vida era de 35 anos, porém os escravos tinham expectativa de vida abaixo dessa.

A abolição (1888) e o fim da monarquia (1889) gerou uma instabilidade social, havia muitas dúvidas acerca do futuro do país, onde, para os senhores proprietários de terras e engenhos, não era só o trabalho dos escravos que estavam perdendo, mas também a sua posição de mando, pois aceitava-se a extinção da escravidão, mas não se pensava em extinguir a posição de “senhor”. Para preservar a autoridade dos senhores em possíveis conflitos, o contingente policial foi aumentado, temendo possíveis vinganças dos negros revoltados com as desigualdades sociais.

A relação dos brancos durante a escravidão no Brasil e o trato com a população negra no pós-abolição tinha como base ideológica as teorias raciais advindas de Portugal, onde, primeiramente, para estas o termo raça tinha ligação direta com a religião e descendência, conhecido com estatuto de pureza de sangue, pois era tido como raça superior os descendentes dos portugueses ou Europeus e todos aqueles convertido ao cristianismo. Durante o século XIX, as teorias raciais baseadas na religião e na descendência perdem força dando lugar às teorias raciais baseadas no conhecimento científico. As teorias raciais científicas surgiram nos Estados Unidos e na Europa e baseavam-se em uma série de descrições de características físicas relacionadas a capacidades intelectuais dos indivíduos.

Baseando-se nas teorias raciais, a miscigenação era desaconselhada, pois resultaria em um ser não saudável, já para outros a miscigenação era algo necessário, pois assim, se conseguiria, à longo prazo, o branqueamento da população, apagando os traços e características das consideradas raças inferiores, como negros e índios. Então com essa intenção o recém instaurado Estado republicano incentiva a imigração de estrangeiros, principalmente europeus, pois africanos e asiáticos eram proibidos de desembarcar em portos brasileiros por motivos explicitamente racistas, dispostos a trabalhar no Brasil, e assim, intensificar o clareamento da população através da miscigenação.

As teorias raciais tiveram vários desdobramentos na realidade dos negros, como pode se notar pelo tratamento diferenciado quando das epidemias que

acometeram a população da capital, Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX. Quando houve o surto de febre amarela, em que a maioria atingida foi a população branca, incluindo os imigrantes europeus, o governo intensificou os cuidados investindo na prevenção e tratamento da doença, porém quando o surto foi de tuberculose, doença que vitimou, em sua maioria, a população negra, não recebeu a mesma atenção dos sanitaristas (ALBUQUERQUE, 2006).

De acordo com Albuquerque (2006), partia dos médicos higienistas a ideia de que as epidemias surgiam e proliferavam nas habitações coletivas conhecidas como cortiços - lugar onde moravam os negros e pobres-, e devido a suposta vida viciosa e anti-higiênica que viviam. Os cortiços eram rotineiramente revistados com apoio da polícia e da prefeitura, houve casos em que foi decidido pela demolição dos cortiços, uma vez que os negros e pobres eram considerados como classes perigosas para a saúde pública. E assim, com a demolição dos cortiços, eles eram afastados do centro da cidade, forçando-os a ir morar nos morros, originando as favelas.

Segundo Albuquerque (2006), nos primeiros anos da década de 1920, se inicia no Brasil a ideia de democracia racial, baseada no reconhecimento da influencia do samba, da capoeira e do carnaval na formação da cultura brasileira. Somada as influencias da cultura de matriz africana, estavam também aspectos culturais europeus e indígenas reforçando a ideia de democracia racial, porém a democracia identificada no campo da cultura não se realizou em outras áreas, tais como econômica, social e política, uma vez que a população negra ainda estava aquém do necessário para acessar os direitos que os brancos acessavam.

Segundo Pochmann (2010), a concentração da propriedade de terras nas mãos de poucos aliada ao trabalho abusivo dos escravos estão entre os pressupostos que resultaram historicamente em um país para poucos, o país da elite branca e dirigente.

Durante a vigência do governo ditatorial militar, havia a propaganda da negação de racismo no Brasil, em uma tentativa de mostrar que aqui havia perfeita harmonia racial, porém havia muita repressão de qualquer grupo que reivindicasse direitos, fazendo com que algumas organizações de negros se transformassem em entidades culturais e de lazer (ALBUQUERQUE, 2006).

Dados censitários (IBGE) do ano de 2000 informaram que dos 179 milhões de brasileiros 76 milhões são negros, em 1940 os negros representavam 36 por cento da população, em 2000 representavam 45 por cento e em 2014 representavam 56

por cento. Este fenômeno pode ser entendido sob duas formas, uma: a de que a taxa de nascimento entre a população negra é maior que entre a população branca, ou que, mais pessoas estão se declarando negras.

Segundo pesquisas do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos – DIEESE (2002), realizadas em diferentes regiões metropolitanas do país, o índice de desemprego entre a população negra é significativamente maior que a população branca, podendo chegar a oito pontos percentuais em algumas regiões. Também a mortalidade infantil é maior entre a população negra, resultado da precariedade do acompanhamento pré-natal na rede pública de saúde e da incidência de anemia falciforme e hipertensão arterial em mulheres negras, o que por fim acaba afetando não somente a saúde das mães, mas também a saúde dos bebês. O risco de morte entre mulheres negras é maior do que o das brancas, podendo chegar a ser sete vezes maior, e as conseqüências disso podem ser drásticas para as famílias negras, uma vez que muitas destas são chefiadas por mulheres (ALBUQUERQUE, 2006).

A taxa de mortalidade por homicídio dos negros é de oitenta e sete por cento maior do que a dos brancos, onde pode ser listado vários condicionantes para isso, mas dentre eles, a maior exposição dos jovens negros a situações de risco como tráfico de drogas, precariedade no atendimento de emergência nos hospitais públicos, e também, o mais recorrente nas grandes cidades, a violência policial. Segundo Albuquerque (2006), o levantamento e análise desses dados são importantes para compreender a história recente do negro no Brasil, pois mede a situação econômica e aponta para a criação de políticas que venham atender especificamente a população negra.

Conforme Albuquerque (2002) é no sistema educacional que se encontra a maior desigualdade de oportunidades, onde no ensino fundamental os índices equivalem, mais ou menos, a distribuição da população entre brancos, pardos e pretos, ou seja, não existe desigualdade, mas a medida em que se aumenta a escolaridade aumenta também a desigualdade. Essa disparidade compromete a inserção dos negros no mercado de trabalho e mesmo que se tenha a mesma escolaridade o preconceito se encarrega de acentuar a desigualdade nas oportunidades.

A população negra trabalha mais e ganha menos do que os brancos, ocupa cargos onde estarão mais expostos ao trabalho precário e também mais exposta ao

desemprego, ocupa postos na qual a jornada de trabalho é mais longa em comparação com os postos ocupados por brancos e por vários condicionantes, é o maior contingente entre o trabalhadores exercendo trabalhos informais. E como consequência de tudo isso, mais expostos a pobreza e a indigência.

Para mudanças das situações de desigualdade se fez necessário um conjunto de ações a fim de promover o grupo em desvantagem. Este conjunto de ações é chamado de Ações Afirmativas. São políticas públicas que tem como objetivo compensar ou reparar discriminações sofridas no passado, evitando que o passado não se reproduza interminavelmente no presente e se projete no futuro da população negra, pois, o racismo está disseminado e tem raízes históricas profundas e representa um grande obstáculo para a população negra progredir na vida (ALBUQUERQUE, 2006).

No sentido de efetivar as políticas públicas muitas universidades públicas brasileiras adotam o sistema de cotas raciais e sociais, com o objetivo de reservar um número específico de vagas para pessoas pobres e negras vindas de escolas públicas ou que tenham estudado com bolsa em escolas particulares para que, assim, se comece oferecer oportunidade para todos.

2.2 Exclusão de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBTs)

Inicialmente, antes de abordar a exclusão de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBTs), se faz necessário trazer à luz que, dentro deste segmento social estão sujeitos divididos entre Identidade de Gênero e Orientação Sexual. Identidade de gênero entende-se a forma subjetiva como os sujeitos reconhecem a si mesmos como masculinos ou femininos, relacionando papéis de gênero, ou seja, todas as normas de comportamento e aparência baseadas em estereótipos ligadas a cada gênero, ou também com nenhum dos gêneros citados. Orientação de sexual constitui-se como envolvimento emocional amoroso e/ou atração sexual por homens, mulheres ou ambos os sexos. Pode ser categorizada em três dimensões: heterossexual, homossexual e bissexual. Heterossexual é todo aquele sujeito, homem ou mulher, que se relaciona emocional e/ou sexualmente com pessoas do sexo oposto. Homossexual é todo aquele sujeito, homem ou mulher, que sente atração e/ou se relaciona emocional e/ou sexualmente com pessoas do mesmo sexo. Bissexual é todo aquele sujeito que se sente atração e/ou se relaciona

emocional e/ou sexualmente com pessoas de ambos os sexos (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010).

Pessoas com identidade de gênero e orientação sexual diferentes dos padrões heteronormativos² são excluídas de diferentes espaços do meio social nos dias de hoje, porém, pessoas com essas características acompanham a história da humanidade desde os primórdios e tem tratamento diferenciado de acordo com a época em que os sujeitos a vivenciam, ora é tida com naturalidade, como na antiguidade clássica, ora é perseguida, tida como desvio moral, como em nossos dias (DINIS, 2008).

O conceito gênero, introduzido pelas feministas de língua inglesa nos anos de 1970, amplia o conceito de sexualidade ao designar as representações de masculino e feminino, mostrando que estas são construídas historicamente, e não de forma biológica como se pensava. Segundo Louro (1997 apud DINIS, 2008), a importância da concepção de gênero como construção, faz refletir sobre aspectos relacionados à identidade de gênero e a orientação sexual enquanto processo e não como algo a priori. E assim como as noções de masculino e feminino de gênero são construções sócio-históricas, as diferentes práticas sexuais também são (DINIS, 2008). Segundo Foucault (1988), embora se encontre registros de relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo na história antiga, foi somente a partir do século XIX que se passou a utilizar o conceito de homossexualidade para se referir a uma prática sexual que precisava ser vigiada e controlada.

Segundo Dinis (2008), ser LGBT é visto, nos dias de hoje, como desvio de caráter, falha no processo educativo familiar e/ou resultado de desvios ou falhas hormonais, onde os defensores dessas visões encontram forte base em dogmas religiosos ou nas ciências biológicas, com influencia de determinada leitura Darwinista da evolução.

A defesa dos direitos de igualdade dos LGBTs pode ser mais potente quando suas pautas encontram defensores nos diferentes âmbitos da democracia representativa. Porém esta representação ainda está longe do ideal, pois, como supracitado, as lutas pelos direitos das minorias étnicas e raciais, direitos das

² A heteronormatividade visa regular e normalizar modo de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade. De acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho (Petry; Meyer, 2011, p. 195).

mulheres, direitos dos apenados, respaldam-se em maior poder político no âmbito da sociedade política que as pautas dos LGBTs (DINIS, 2008). Os diferentes espaços da democracia representativa são, em sua grande maioria, composto por representantes dos interesses do capital, e muitos desses diretamente ligados a igrejas cristãs.

Nos dias de hoje temos visto a criação de personagens homossexuais e transgêneros em propagandas publicitárias, novelas em canais de TV aberta e séries de TV, o que traz maior visibilidade ao público LGBT e insere o tema como pauta nas conversas do dia a dia da família brasileira, visto que, o tema não é tão alheio a nós, pois cada pessoa conhece um LGBTs, porém, na maioria das vezes isso é ignorado e só se torna assunto quando mostrado pela TV. E essa visibilidade é “positiva”, uma vez que traz a temática LGBT para discussão podendo fazer com que se pense os aspectos morais da exclusão e também contribui para o fortalecimento de outros LGBTs através da representatividade, uma vez que estes veem que não são os únicos a enfrentar os obstáculos erigidos pela exclusão.

Ao abordar o uso da imagem e/ou de personagens LGBTs nas diferentes mídias se faz necessário estar ciente ao mercado que se abre ao público LGBT, pois estes são vistos como potenciais consumidores em um nicho de mercado criado especialmente para eles. E assim como o mercado cria produtos específicos para o sexo feminino e para o sexo masculino e para as diferentes faixas etárias, cria produtos específicos para os LGBTs, porém esses produtos trazem muito dos padrões heteronormativos.

Logo, a inclusão resultante da representatividade, e da criação de um nicho do mercado, para os LGBTs, baseada em padrões de valores heteronormativos se torna uma exclusão, pois, não está ao alcance de todos os LGBTs, ou seja, negros e índios não se verão representados nas mídias, uma vez que, os personagens de novelas e modelos de peças publicitárias são sempre brancos. E assim também acontecerá com aqueles que não tem poder aquisitivo para sustentar os padrões impostos pelo mercado voltado ao público LGBT.

Identidade de gênero e orientação sexual vistas como um processo, ou seja, como construção social, traz consigo o questionamento da heteronormatividade que baseia-se em uma norma de relacionamento sexual entre homem e mulher, brancos e de classe média.

Muitos LGBTs experienciam na escola os primeiros atos de discriminação e de exclusão, pois a escola alicerçada sobre padrões heteronormativos não permite que uma menina possa jogar futebol ou brincar de carrinho, com/como os meninos, pois, isso é tido como brincadeira de meninos, e assim, como meninos não podem brincar de bonecas, pois isso é tido como brincadeira de menina, causando certo desconforto nas crianças e/ou adolescentes que passam por estas situações. Louro (1997 apud DINIS, 2008), ao abordar o tratamento das instituições escolares ao tema LGBT, afirma que há um ocultamento destes ao silenciar o debate sobre gênero e diversidade sexual dentro da escola, mostrando uma pretensa indivisibilidade e, assim fazendo com que a heteronormatividade não seja questionada.

LGBTs também vivenciam situações de exclusão na fase de transição entre a infância e a adolescência, quando estes passam por mudanças físicas oriundas da puberdade aliadas a iniciação afetivo/sexual, veem que seus interesses não se alinham ao que é aceito socialmente, ou seja, o sexo oposto. E quando, nessa fase estão inseridos em grupos como de tradicionalismo ou religiosos, iniciados na infância por seus pais, ousam a demonstrar sua identidade de gênero e orientação sexual são rechaçados e excluídos.

A trajetória escolar, desde a infância até a adolescência, crivada de bullings se torna algo difícil de ser suportado fazendo com que muitos LGBTs abandonem a escola sem a sua conclusão. E aqueles que conseguem concluir o ensino médio encontram dificuldade de se inserir no mercado formal de trabalho, tendo de recorrer muitas vezes ao trabalho informal, por não terem o estereotipo exigido pela sociedade, ou seja, são excluídos de exercerem um trabalho de forma que seus direitos trabalhistas sejam assegurados.

Para Briztmann (1996 apud DINIS, 2008) há o mito de que a heterossexualidade seja “normal” e “natural” e que ao abordar a temática da homossexualidade se esta influenciando outras pessoas a práticas homossexuais e que quando alguém o faz, faz com o objetivo de recrutar novos “jovens inocentes” a essas práticas. Ainda segundo a autora, faz parte desse complexo mito a afirmação de que qualquer pessoa que faça menção ou defenda direitos dos LGBTs seja LGBT, tornando em ambos os casos, pessoas com conhecimento, perigosas, predatórias e contagiosas.

Baseados na heteronormatividade tida como norma universal, onde esta é uma sexualidade branca, de classe média e heterossexual, o pensamento comum vê identidade de gênero e orientação sexual como sinônimos, assim padronizando um modo único de masculino e feminino, querendo fazer com que se pense em somente uma forma de sexualidade, ou seja, é estabelecida uma complexa rede normativa entre sexo: macho e fêmea, e gênero: feminino e masculino definida pelo sexo biológico e a orientação sexual é direcionada “naturalmente” para o sexo oposto.

2.3 Os impactos do preconceito na realidade objetiva e subjetiva vivenciada pelos LGBTs negros

Os padrões culturais ocidentais padronizam sujeitos e modos de vida, ou seja, a família deve ser composta por casais heteronormativos - brancos, de classe média e heterossexuais -, baseando-se em tal constatação, após termos abordado a exclusão do negro e dos LGBTs no Brasil, vamos abordar como são vivenciados os impactos dessas exclusões nas realidades objetivas e subjetivas de negros(as) LGBTs no Brasil.

Muitos negros, descendentes de escravos ou não, carregam hoje em dia heranças da escravidão, seja por viver em locais afastados do centro das cidades, em locais sem o mínimo necessário para a moradia, como água, luz, esgoto, seja por vivenciarem o preconceito racial tem seu quinhão de exclusão aumentado quando estes se identificam com o gênero oposto ao designado no nascimento ou quando se descobrem com orientação sexual diferente dos padrões heteronormativos.

A visão excludente lançada sobre homossexuais negros tem sua base em uma visão etnocêntrica da realidade onde o que é diferente é visto como errado, segundo Rocha (1988), uma visão etnocêntrica do mundo é ver o nosso próprio grupo como centro de tudo e todos os outros pensados e sentido através de nossos valores, modelos e definições do que é a existência. Baseados nesta visão etnocêntrica, sabendo que “o pensamento dominante é o pensamento da classe dominante” (MARX, 2005), a maioria das pessoas vê o diferente como anormal, onde até mesmo muitos sujeitos pertencentes a esses grupos – LGBTs e negros – reproduzem essa visão, vendo seus semelhantes como anormais ou até mesmo

internalizando esta visão de “anormalidade”, interferindo assim em sua autoimagem. Segundo Freire (1987), quando da relação opressor e oprimido, há a prescrição e toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra, logo, o sentido alienador das prescrições transforma a consciência recebedora em consciência hospedeira da consciência opressora.

O preconceito contra LGBTs tem sua origem na moralização das relações sociais, baseadas em padrões de comportamento que são reproduzidos na vida cotidiana sem nenhuma reflexão. O diferente é concebido como anormal e revela um processo no qual o cotidiano é orientado por pressupostos valorativos que tendem a reproduzir a alienação moral através da repetição acrítica, pois não se aceita o que não se adéqua aos padrões de comportamento tidos como “corretos” (BARROCO, 2001).

Como citado acima, muitos LGBTs sofrem preconceito dentro de casa por causa de sua identidade de gênero e orientação sexual, de famílias conservadoras, muitas vezes seus membros frequentadores de igrejas cristãs, são expulsos de casa, tendo de procurar abrigo na casa de outros LGBTs que passaram pela mesma situação e hoje moram sozinhos, suportando todas as limitações condicionadas pelos acontecimentos vividos até então, como abandono da escola, não inserção no mercado de trabalho entre outros.

Quando a expulsão de casa se dá com LGBTs negros eleva-se o nível da exclusão, pois este ao procurar abrigo em grupos ou movimentos negros poderá sofrer opressão por ser homossexual e/ou quando for buscar abrigo em grupos LGBTs poderá sofrer preconceito por ser negro, uma vez que a comunidade LGBT ainda, assim como citado acima, acaba por reproduzir muitos valores heteronormativos, que por vezes oprimem muitas das pessoas de seu grupo. Segundo Lorde (2009) todo ataque a LGBTs deve ser entendido com um ataque aos negros por que muitos negros o são, assim como, todo ataque a negros também é um ataque aos LGBTs por que muitos destes também são LGBTs, e ela ainda frisa, “não há hierarquias de opressão”.

Essa fragmentação dos grupos de movimento negro e LGBTs dada pelas características dos sujeitos é cômoda a classe dominante, pois separando os sujeitos em pequenos grupos, fragmenta-se a luta pelos direitos das minorias, não permitindo que se veja essa luta como algo mais amplo. Segundo Freire (1987), as minorias estando divididas é condição indispensável à continuidade do poder da

classe dominante, uma vez que a unificação poderá significar uma ameaça à sua hegemonia.

3 METODOLOGIA

Este estudo tem como objetivo responder a seguinte questão: Como a exclusão social impacta na realidade vivenciada pelos LGBTs negros de São Borja? Para auxiliar na resposta da questão foram elaboradas as seguintes questões norteadoras: Como os LGBTs negros subjetivam a exclusão social que vivenciam? Como a exclusão social vivenciada pelos LGBTs negros se repercute em suas relações familiares? Como a exclusão social vivenciada pelos LGBTs negros se repercute nas relações sociais?.

O objetivo geral deste estudo é conhecer como a exclusão social impacta na realidade vivenciada pelos LGBTs negros de São Borja. Para alcançar este objetivo elencamos os seguintes objetivos específicos: Conhecer como os negros LGBTs subjetivam a exclusão social que vivenciam. Identificar como a exclusão social vivenciada pelos negros LGBTs se repercute em suas relações familiares. Conhecer como a exclusão social vivenciada pelos negros LGBTs se repercute nas relações sociais.

A presente pesquisa foi qualitativa, portanto, se interessou mais em abstrair os aspectos qualitativos da realidade social do que em quantificar o objeto de estudo. Para Martinelli (1999), o estudo qualitativo busca os significados, às versões a respeito dos sujeitos estudados e de suas histórias, já as informações quantitativas são complementares e fundamentam o conhecimento produzido pelas informações qualitativas.

Para Bauer e Gaskel (2002) o objetivo da pesquisa qualitativa não é quantificar opiniões ou pessoas, mas sim explorar as diferentes representações dos sujeitos da pesquisa sobre o objeto em estudo. O objetivo dessa pesquisa não foi fazer mensurações a respeito de como a exclusão social impacta nas vivências de negros LGBTs, ou seja, o estudo não contou os sujeitos com esse perfil que evadiram a escola ou tem dificuldades de inserção no mercado de trabalho, mas sim aprofundou os significados que esses sujeitos atribuem aos impactos da exclusão social nas suas vivências. Para tanto, foi necessário desvendar os aspectos contraditórios de seus relatos.

A abordagem qualitativa converge com o método dialético-crítico, pois reconhece que não existe neutralidade na forma como o pesquisador apropriasse do

seu objeto de estudo, ou seja, as atribuições de valores e os significados construídos por ele também compõem a pesquisa realizado.

Este trabalho se utilizou do método dialético-crítico para a sua elaboração. Este método tem sua origem na corrente filosófica materialista, e sendo assim, considera a concretude da prática na produção do conhecimento. Segundo Lefebvre (1995), com o método dialético crítico o entendimento construído sobre o homem e a sociedade leva em consideração a base material que constitui estes. A partir do método dialético-crítico podemos entender que o conhecimento parte das condições objetivas e assim o pensamento capta as contradições das relações concretas e coloca-as em movimento. O pensamento se desloca do plano lógico para o real, do racional à natureza (LEVEBvre, 1995, p.12). Esse movimento é impulsionado pela contradição apreendida na realidade.

O método dialético-crítico tem com categorias centrais a totalidade historicidade e contradição. Segundo Prates (2003), a totalidade não é somente a reunião das partes, mas como um todo articulado e conectado, onde a relação das partes altera o sentido de cada parte do todo, e sendo assim, a totalidade concreta não é um todo dado, mas em movimento de autocriação permanente, o que implica a historicização dos fenômenos que a compõe.

As partes articuladas dialeticamente formam uma totalidade de relações que são contraditórias, ou seja, a contradição está incluída na totalidade concreta e o seu acirramento conduz ao pensamento e conseqüente movimento que busca a superação dos impasses, iniciando um novo movimento dialético, uma vez que este é permanente.

Segundo Kosik (1976), para compreender a dialética da totalidade é necessário compreender que, não só as partes se encontram e se relacionam internamente com conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado quando abstraído, como algo acima das partes, uma vez que o todo se cria a si mesmo na interação destas partes.

Para se chegar ao conhecimento da totalidade é necessário o aprofundamento do entendimento das relações dialéticas entre as partes em si e o todo. É necessário partir do todo para as partes para retornar para o todo de forma aprimorada. Nesse processo se faz presente a categoria historicidade enquanto processualidade do movimento e transformação do homem, da realidade e dos fenômenos. Mostrando que os fenômenos não são estáticos, mas sim em curso de

desenvolvimento e assim só podem ser apreendidos a partir do desvendamento deste movimento que se dá por cortes históricos (PRATES, 2003).

Segundo Lefebvre (1995), o materialismo histórico e o materialismo dialético são as bases desse movimento de pensamento e de ação, onde o primeiro considera a história a partir de sua materialidade e das leis objetivas que independem da consciência. O segundo faz a inclusão da contradição na história, tornando a contradição o motor para o desenvolvimento da consciência. Logo, a contradição, encontrada no plano objetivo leva o pensamento a apreendê-la, buscando superá-la formulando um movimento de tese, antítese e síntese. Não há produção sem contradição, sem conflito, a começar pela relação do ser social (o homem) com a natureza através do trabalho.

No termos de Lefebvre (1995), o estudo de objeto singular, utilizando o método dialético-crítico, não analisa o mesmo fora do universo, das leis universais que permitem um a apreensão do todo como um processo, um devir, resultado de um movimento universal que fornece meios genéricos para entender aspectos singulares. A relação e articulação desses aspectos forma o universo expresso em situações concretas particulares.

Para Cury (2000), a contradição é a base da metodologia dialética e assim reflete o movimento mais originário do real. A racionalização do real está no movimento contraditório dos fenômenos uma vez que são provisórios e superáveis. Contradição remete a uma ideia de movimento, de algo que é capaz de criar e destruir, é luta de contrários na tentativa de superar conflitos. As relações dos homens em si e a dinâmica da sociedade está permeada pela contradição.

Inicialmente se pensou em realizar 8 (oito) abordagens com LGBTs negros, sendo: duas (2) lésbicas, dois (2) gays, dois (2) bissexuais e duas (2) pessoas transgêneras para compor a amostra, porém foram realizadas sete (7) abordagens, sendo: sete (7) gays. Durante a fase de agendamento das entrevistas contactou-se com os LGBTs de modo a contemplar a amostra definida no projeto. No entanto, não foi possível agendar com sujeitos com as características supracitadas e as entrevistas ocorreram somente com gays. Foi trabalhado com um grupo reduzido priorizando o aprofundamento da análise de seus relatos. “A amostra é uma parcela convenientemente selecionada do universo (população); é o subconjunto do universo” (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 32). A amostra desta pesquisa foi composta por LGBTs negros que residem em São Borja. O critério utilizado para a

composição da amostragem é que esses sujeitos residam em diferentes territórios priorizando bairros a oeste, norte e centro¹ por entender que essas regiões possuem aspectos sociais, culturais peculiares que poderão influenciar no modo como os sujeitos do estudo experienciam a exclusão. Os sujeitos residem em diferentes territórios. Foi investigado como eles vivenciam a exclusão social experienciada por sua condição de LGBTs negros. Os sete sujeitos foram entrevistados no período de Janeiro a Fevereiro de 2017. Os sujeitos foram contatados via Facebook, onde receberam o convite para participação na pesquisa, onde puderam tirar suas dúvidas em relação à entrevista antes da confirmação. O agendamento foi feito de acordo com a disponibilidade dos sujeitos entrevistados. As entrevistas foram em locais combinados previamente entre o pesquisador e os entrevistados.

Foi utilizado o tipo de amostra não probabilística do tipo dirigida ou intencional. Segundo Marconi e Lakatos (1999), esse tipo de amostra não permite que o pesquisador faça generalizações, uma vez que estará inclinado em conhecer as opiniões e experiências vividas por parte da população, nem sempre representativa da mesma, sobre a temática do estudo a ser realizado.

Foi utilizado o tipo de amostra não probabilística por ser o tipo que mais se adéqua a pesquisas qualitativas sem o objetivo de generalizar, e sim de aprofundar a pesquisa utilizando os dados nos quais o pesquisador tem alcance. Para Gil (1994) o tipo de amostra não probabilística é aplicada em pesquisas exploratórias ou de caráter qualitativo onde não há a preocupação com o rigor estatístico.

A coleta de dados foi por meio de entrevista semi-estruturada tendo como base roteiro composto por questões abertas. Optou-se pela entrevista semi-estruturada, pois esta permite que o pesquisador acrescentar novas questões ao roteiro se assim ver necessário. Para Triviños (1987) a entrevista semi estruturada parte de certas interrogativas, podendo estas serem reformuladas com base nas respostas dos entrevistados. Segundo Marconi e Lakatos (1999), a utilização de perguntas abertas permite que o pesquisado possa responder de forma livre, emitindo suas opiniões e utilizando a linguagem própria.

Concomitante à entrevista, também foi utilizada a observação como técnica de coleta de informação. Segundo Marconi e Lakatos (1999), a observação enquanto técnica de coleta de dados e informações se utiliza dos sentidos para a obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste em ver e ouvir, mas também no exame de fatos e fenômenos que se deseja estudar.

A observação foi assistemática e não estruturada, ou seja, livre e sem roteiros. Para Marconi e Lakatos (1999) essa técnica visa conhecer e registrar fatos da realidade estudada, porém não utilizando meios técnicos específicos ou perguntas diretas.

A análise de dados foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo, pois essa técnica vai ao encontro do método dialético, intentando assim, desvendar as contradições do tema pesquisado. Segundo Triviños (1987), a utilização da técnica de análise de conteúdo contribui para o desvelamento das ideologias que podem existir nos dispositivos legais, que em um primeiro momento não se mostram com realmente são. A análise de conteúdo permite uma visão mais ampla das características sob o enfoque dialético.

A técnica de análise de conteúdo possibilita a analisar a comunicação entre os entrevistados através do material obtido. A análise de conteúdo foi utilizada na leitura das transcrições das entrevistas, na descrição e interpretação do material obtido. Pretendeu-se com isso entender como a exclusão social impacta na vida de LGBTs negros.

A técnica de análise de conteúdo permitiu agrupar o conteúdo identificado nas comunicações a fim de obter a sua interpretação. Segundo Bardin (1977) a análise de conteúdo contém diferentes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A análise de conteúdo da presente pesquisa teve como autor de referência Bardin. Suas três fases: 1. Pré-análise: configura-se na fase de leitura onde deve prevalecer as impressões e orientação do texto. É a fase onde deve haver a preparação e organização do material que será analisado; 2. Descrição analítica: É fase onde deve ser realizada a codificação dos dados. Nessa fase poderão surgir categorias empíricas da realidade, demandadas pela pesquisa de campo. 3. Interpretação referencial: é fase onde ocorre a confrontação e a interpretação dos dados coletados. Momento de mediação do conteúdo obtido e o referencial teórico.

A presente pesquisa possui três categorias explicativas da realidade, definidas anteriormente à pesquisa de campo: Preconceito, Exclusão, Preconceito étnico, Preconceito com LGBTs. Estas categorias serão definidas como:

Preconceito: O preconceito é uma forma de reprodução do conformismo que impede os indivíduos de assumirem uma postura e ação crítica diante dos conflitos, assim como uma forma de discriminação, tendo em vista a não aceitação do que

não se adéqua aos padrões de comportamento estereotipados como “corretos” (BARROCO, 2001).

Exclusão: É processo no qual os indivíduos são rejeitados física, geográfica ou materialmente. Não apenas do mercado e de suas trocas, mas também de todas as riquezas espirituais, seus valores não são reconhecidos, ou seja, há também uma exclusão cultural (WANDERLEY, 1999).

Preconceito étnico: Esta categoria constitui-se a forma de pensamento e tratamento direcionados a afro descendentes e/ou pessoas de pele mais escura que venham a excluir socialmente e/ou ferindo direitos da dignidade humana destes sujeitos. Segundo Brown (1995 apud VASCONCELOS, 2004), preconceito constitui-se de “um sentimento negativo dirigido a um grupo particular de pessoas” e esse sentimento potencializaria na pessoa preconceituosa um tendência ao distanciamento evitando o contato com estes grupos (VASCONCELOS, 2004). O preconceito racial se constitui de um sentimento negativo dirigido a grupos étnicos, especialmente em relação aos negros, baseados em estereótipos etnocêntricos.

Preconceito com LGBTs: Preconceito direcionado às lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBTs) pode ser entendida como uma espécie de medo irracional ou receio de dividir os mesmos espaços com sujeitos de identidade de gênero ou orientação sexual diferentes dos padrões heteronormativos (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010).

4 OS RESULTADOS DO ESTUDO

Neste capítulo, o compromisso é dar visibilidade a análise das informações coletadas por meio das entrevistas semiestruturadas. Serão apresentadas as categorias empíricas do estudo, assim como as inferências e interpretações dos dados obtidos na pesquisa de campo.

4.1 Apresentação dos sujeitos do estudo

Os sujeitos do estudo, entrevistados no período de dezembro a janeiro de 2016-2017 são sete negros LGBTs que residem em São Borja. Durante a fase de agendamento das entrevistas contatou-se com esses sujeitos de modo a contemplar a amostra definida no projeto que continha lésbicas, gays, bissexuais e pessoas transgêneras. No entanto, não foi possível agendar com sujeitos com as características supracitadas e as entrevistas ocorreram somente com gays.

Infere-se que a indisponibilidade de participação no estudo por parte das lésbicas e pessoas transgêneras relaciona-se aos atravessamentos de gênero que intensificam os preconceitos com pessoas LGBTs, com algumas características, por exemplo, um gay com características femininas sofre mais com os estigmas que outro que não apresenta, ou apresente de modo menos intenso tais características. As pessoas transgêneras não têm a sua identidade de gênero respeitada devido aos padrões de gênero produzidos na sociedade, uma vez que, esses padrões ligam a identidade de gênero ao sexo (genitália) da pessoa, ou seja, são tratadas pelo gênero que lhes é atribuído através do seu genital, desrespeitando o gênero no qual se identificam. Isso faz com que sofram preconceito e discriminações, dificultando, e muitas vezes impossibilitando o acesso aos diferentes espaços sociais necessários para a manutenção de suas vidas. O preconceito pode ser agravado com pessoas transgêneras negras, devido ao acúmulo do preconceito de gênero ligado ao preconceito racial, razão que pode ter ocasionado a não participação desses sujeitos no estudo. Segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA, noventa por cento (90%) das pessoas transgêneras estão na prostituição, e desse total, setenta e cinco por cento (75%) são pessoas transgêneras negras em situação de vulnerabilidade e abandono. Ainda segundo dados da ANTRA, em 2016, ocorreram no Brasil cento e oitenta (180) assassinatos de pessoas transgêneras, e

desse total estima-se que, sessenta (60%) a setenta (70%) eram pessoas negras, evidenciando a invisibilidade que podem estar expostas as pessoas transgêneras em nossa cidade. As lésbicas podem ter dado resposta negativa em relação à participação no estudo, visto que são as principais vítimas das relações de gênero da sociedade capitalista, ou seja, há um padrão de como elas devem ser e se comportar, um papel de submissão, de inferioridade ao homem, como se elas devessem servir ao homem, e isso abarca também a sua sexualidade. Na cultura do machismo presente em nossa sociedade, a sexualidade das mulheres é reprimida, ela é tida, e somente permitida, como algo para satisfazer os homens. E assim, não é visto como algo normal uma mulher ter a sexualidade diferente do que pressupõe os padrões heteronormativos, ocasionando diferentes formas de violência, fazendo com que muitas vivam sua sexualidade de forma escondida. Atribui-se a não participação das lésbicas no estudo a essas diferentes formas de violência na qual estão expostas no dia a dia e que faz com que não se sintam a vontade para falar sobre as suas vivências.

4.2 A subjetivação do preconceito pelos LGBTs negros: respondendo a primeira questão norteadora

Para responder a primeira questão norteadora (Como os LGBTs negros subjetivam a exclusão social que vivenciam?) foram elaboradas as seguintes questões no roteiro de entrevista semiestruturado:

- Você se sente negro?
- Como você se sente em relação a sua orientação sexual/identidade de gênero?
- O fato de você ser LGBT impacta em suas relações com outras pessoas? Como?
- O fato de você ser negro (a) e sofrer preconceito é agravado por você ser LGBT?

Constatou-se que os sujeitos da pesquisa subjetivam padrões normatizadores que produzem formas ideais de modos de vida. Esses modelos ideais informam como deve ser uma família, como a sexualidade deve ser vivenciada, como os pais devem educar os filhos, enfim, esses modelos prescrevem um modo de vida para os sujeitos que muitas vezes negam a própria natureza destes, assim como seus desejos. Esse processo coloca obstáculos para os sujeitos LGBTs/negros assumirem sua identidade social. Isso fica evidente nos depoimentos:

[...] se aceitar gay é [...] mais complicado e mais difícil. [...] eu sou gay [...] no meu seio familiar as pessoas são homofóbicas, como é que eu vou me aceitar gay [...] o medo é uma barreira tão grande [...] quando eu abro o facebook eu vejo notícia de LGBT morto aqui, morto ali, espancado aqui, espancado ali, então, tipo: é um medo que é imposto pela sociedade, e é um medo que é reforçado dentro do teu próprio seio familiar, então, como é que tu vai pegar e se aceitar como gay, sendo que tu foi criado desde sempre, até tua adolescência, até tu começar a desenvolver um pensamento racional próprio - e não pelo outros -, como algo que toda a tua vida foi dito: " É errado". É complicado, né? [...] (Entrevistado A).

[...] foi uma pergunta, também, que eu me fiz muito tempo, se eu realmente era negro, se eu me assumia como negro, e que eu obtive a resposta só quando eu entrei na universidade, que foi quando eu vi realmente que eu era negro, que eu sou de uma família que as pessoas também são negras, né? Mas que também tem outras descendências, né? Alemães e de outras raças, mas que eu fui assumir só na minha... quando eu entrei realmente da faculdade, que eu pude ter esse senso, porque antes era muito difícil pensar nisso, né? Porque na escola a gente sofre muito essas questões de preconceito, e muitas vezes não são debatidas, né? A gente não leva em conta, e até mesmo de... dessa identidade de ser assumir [...] (Entrevistado D).

[...] o sentir-se negro é uma coisa que pode ser cultural, ou estereotipada, ou da tua visão mesmo, com toda a sinceridade da minha visão pessoal, eu nunca me identifiquei como negro, mas culturalmente eu pertencço as descendências negras, e no meu convívio, no meu todo, pouca vezes eu fui considerado negro, eu acho que quando falamos o termo negro a primeira coisa que nos vem é o tom de pele, então por eu não ter o tom de pele tão escuro, ou, e mesmo por não me encaixar como branco por não ter um tom de pele claro, sou moreno, mulato, como dizem, ou seria pardo, porque hoje em dia quando tu vai fazer alguma, alguma... algum documento ou coisa assim, tu se encaixa como pardo, eu me encaixo como pardo, porque a primeira coisa que nos vem a cabeça quando fala negro a gente já pensa na pessoa morena, cabelo afro e tudo mais, e sou moreno, mas moreno claro, meu cabelo, embora tenha um procedimento estético, mas nunca foi... sabe? O popular cabelo duro [...] (Entrevistado G).

Esses obstáculos para os LGBTs negros assumirem suas identidades são desencadeados, nos termos de Türck (2012), por processos sociais produzidos na superestrutura ideológica³ da sociedade capitalista. Esses processos sociais interpenetram-se nos processos particulares que compreendem as relações afetivas que os sujeitos estabelecem na família, com amigos, dentre outras. Tal processo contribui para os LGBTs negros subjetivar o medo que obstaculiza a aceitação de suas identidades sociais nas relações sociais e familiares que estabelecem.

³ O conjunto das relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real, sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política e a qual corresponde determinadas formas de consciência social (BOTTOMORE; OUTHWAITE, 1996, pág. 302).

Identificou-se que essa cultura idealista⁴ subjetivada pelos entrevistados condiciona a forma como estes se veem, pois faz com que eles, a partir da apropriação desse modo de pensar hegemônico, valorem negativamente seus próprios desejos. A superação de tais condicionantes são etapas a serem vencidas no processo de aquisição de conhecimento sobre sua identidade, conforme pode ser visto na fala:

[...] ninguém se assume sem se aceitar. Como é que eu vou me assumir gay, publicamente, pra um monte de estranhos, desconhecidos, sem que eu me aceite primeiro como gay, sem que eu olhe no espelho e diga: Bah, eu sou gay, eu gosto de meninos [...] (Entrevistado A).

Essa hegemonia da cultura idealista que padroniza modos de vida gera contradição entre aquilo que é socialmente esperado e aquilo que é sentido e vivenciado pelos sujeitos desse estudo, pois as experiências homoafetivas são ao mesmo tempo prazerosas e concebidas pejorativamente como algo errado no contexto social que padroniza os relacionamentos afetivos. Assumir sua identidade social é um movimento de negação dos valores morais dominantes que nos termos de Barroco (2001), são construídos no plano das ideias e reforçam preconceitos só conseguem se legitimar por atos de fé, ou seja, tais preconceitos não podem ser racionalmente justificados. Portanto, o processo no qual os sujeitos desse estudo se apropriam de sua sexualidade é contraditório com os valores hegemônicos apreendidos socialmente na relação com a família, igreja, Estado. O modelo de família hegemônico é formado por homem, mulher e filhos, a religião dominante só concebe esse modelo monogâmico de relação afetiva, assim como o Estado por muito tempo só concebeu essa forma de união conjugal⁵. Nessa perspectiva, as instituições sociais reforçam o preconceito com os LGBTs o que obstaculiza a vivência da sexualidade livre de preconceitos por parte desses sujeitos que precisam negar os valores apreendidos socialmente para vivenciar suas sexualidades. Esses processos que obstaculizam o processo de aceitação de suas identidades sociais

⁴ A cultura idealista é resultado dos processos de moralização da questão social que se ancoram em análises da realidade elaboradas sem conexão com a objetividade da vida em um movimento no qual os discursos sobre a realidade são reproduzidos de geração para geração e legitimam preconceitos (BARROCO, 2001).

⁵ O casamento civil entre pessoas do mesmo sexo está assegurado por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), e pela Resolução nº 175 de maio de 2013 do Conselho Nacional de Justiça (Conselho Nacional de Justiça, 2013).

podem desencadear em diversos desdobramentos em suas vidas, como por exemplo, pode levar o sujeito a ter relações homoafetivas, mas não assumi-las socialmente. O depoimento é ilustrativo:

[...] existem algumas pessoas que conseguem viver a vida inteira ficando com outras pessoas do mesmo sexo, mas mantendo uma postura heterossexual, por quê? Porque não conseguiram se aceitar como gay. Ou não conseguiram se aceitar como bissexual também [...] (Entrevistado A).

Para manter a imagem de homem heterossexual perante a sociedade, e poder ter experiências homossexuais, muitos sujeitos vivem uma vida dupla, onde ora tem relações sexuais com outros homens, e em outros momentos procuram ter comportamentos que negam perante a sociedade essas experiências que estão sendo vivenciadas e reforcem uma imagem de homem heterossexual. Os comportamentos utilizados para reforçar sua heterossexualidade podem ir desde, a elaboração de histórias fictícias para encobrir o tempo em que estão com outros homens, até o relacionamento com alguém do sexo oposto, para que não tenham a sua sexualidade questionada. Porém, essa busca por parecer heterossexual pode causar uma série de problemas para a saúde do sujeito, principalmente mental, uma vez que, estes, ao elaborar essas histórias não verídicas para sustentar suas ausências no meio em que vivem – familiar e social –, podem ter necessidade de elaborar cada vez mais histórias chegando a um ponto em que podem desenvolver transtornos psíquicos confundindo a realidade com o que foi inventado. No que tange ao relacionamento com pessoas do sexo oposto somente para provar a sua heterossexualidade, os sujeitos podem ficar expostos a desenvolver adoecimento físico e psíquico, uma vez que passam a vivenciar essas relações afetivo/sexuais de forma alienada, ou seja, passam a ter relações que não expressão os seus desejos. A insistência nessas relações e o possível adoecimento psíquico expõe também a outra parte dessa relação, pois pode desencadear em uma série de consequências, que vão desde a violência intrafamiliar, violência de gênero, e também o uso de drogas como válvula de escape para a situação que estão vivenciando. O sofrimento psíquico poderá ser extremo podendo causar depressão, e até levar os sujeitos envolvidos ao suicídio⁶.

⁶ Segundo estudo realizado pela Universidade de Columbia nos Estados Unidos em 2012 para avaliar a relação entre orientação sexual e suicídio, LGBTs estão cinco vezes mais propensos a tentar suicídio do que heterossexuais. O estudo concluiu, o ambiente influencia nas taxas, pois

Identificou-se nas falas dos entrevistados a noção do processo que estão vivenciando, dotado de etapas a serem superadas a fim de se aceitarem LGBTs e se assumirem perante a sociedade, e de como esses processos são subjetivados contribuindo para o sofrimento dos sujeitos nas diferentes etapas, conforme pode ser observado nas falas:

[...] foi e ainda é difícil porque são coisas que não são fáceis de apagar, porque são naquela fase que você nem se conhece direito, você nem sabe o que você é, ou o que você quer ser... e aí você 'tá ali já com uma batalha interna pra descobrir, pra tentar se aceitar... não vou dizer se aceitar, mas se entender e aí vem as pessoas e tentam te dizer que aquilo que você é não é certo. E você vai pra casa e aquilo que elas te dizem vem e... tudo forma um bolo de pensamentos que ficam ali, porque eu acho, eu não sei, pelo menos no meu caso, quando eu era adolescente, acho que eu não tinha muita capacidade, tanto por falta de conhecimento em relação ao assunto de LGBTs, de discernir e interpretar corretamente aquelas coisas que estavam se passando [...] eu diria que eu me aceito em relação a minha orientação[...] essa aceitação vem de tempos. É aquela história da construção, né? Quando você é criança e vai crescendo, não sabe direito o que são as coisas, você só sabe o que ouve em casa, o que os teus pais dizem: isso é isso, isso é aquilo, isso é certo, isso é errado, e aí, acho que foi lá depois dos dezessete, dezoito que eu estudei sobre o tema... entendi o que era, descobri no que eu me encaixaria e essa aceitação veio, mas antes não, tinha aquela história do "ai não quero ser isso, eu não posso ser isso" [...] (Entrevistado B).

[...] levou um tempo pra eu me aceitar como gay e me assumir publicamente, porque uma coisa é a gente se assumir ali no restritinho, no quarto da gente, na internet, flertar com as pessoas, porque isso também, um monte de gente faz, isso também vai influenciando para que tu vá se aceitando um pouquinho mais, é um processo. Algumas pessoas levam menos tempo, outras levam uma vida toda, talvez. Então, nesse meio tempo, daí houve toda aquela, aquilo de não me aceitar como gay, eles não me aceitarem como gay, então foi um processo bem doloroso, porque às vezes dói bastante, o psicológico da gente faz doer, então foi uma etapa bem... punk [...] (Entrevistado A).

Fica em evidência no depoimento do entrevistado (B) o seu sofrimento causado por ver que os desejos que sentia não estavam de acordo com o que era esperado pelos pais e pela sociedade. Segundo seu depoimento, o sofrimento vivido ficou em sua memória, justamente por ter sido vivido em um momento em que estava formulando um conhecimento acerca de si e a todo o momento havia alguém

quanto mais receptivo menor as taxas de suicídio. De acordo com a pesquisa realizada pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) em 2013, com 1.600 LGBTs, apontou 78% dos entrevistados já tiveram a sensação de “sumir” e 49% já desejou não viver mais. 15% dos entrevistados revelaram ter coragem de tirar a própria vida, enquanto 10% já tentou tirar a própria vida (Hammel, 2016).

dizendo que ser LGBT era errado, fazendo com que formulasse uma auto-imagem alienada. O sofrimento causado pela não aceitação dos pais quando os sujeitos se descobrem LGBT, também pode ser observado no depoimento do entrevistado A, quando este revela o quanto foi difícil para ele esta fase.

Uma das causas do sofrimento de LGBTs, durante o processo de aceitação, é a forma como estes subjetivam os desejos e anseios dos pais quanto ao que estes vão ser - ou melhor, o que querem que os filhos sejam - muitas vezes tomando para si essa idealização dos pais, segundo o entrevistado,

[...] é como se tu sofresse uma pressão psicológica pra ti dar aquele gosto, aquela revigorada, pra eles poderem dizer: "Não, o meu filho é igual o filho da ciclana, criei ele bem". Há um processo de culpabilização, de auto-culpabilização onde muitos de nós param o processo... optam por: "Não, eu vou fazer a minha mãe feliz por mais que eu seja infeliz, optam em dar a felicidade ao outro e tirar de si próprio. E interrompendo esse processo muitos tentam namorar meninas, namoram meninas, casam, tem filhos, alguns entram em depressão e outros acabam por procurar o suicídio como solução [...] (Entrevistado A).

Fica evidente na fala acima que, ao subjetivar os padrões heteronormativos presentes na sociedade capitalista, e tentar segui-los, como por exemplo, buscar ser o que os pais esperam que eles sejam, namorar com uma menina, casar, ter filhos, pode ocasionar em um sofrimento psíquico. Esses padrões estão diretamente ligados aos processos culturais baseados nas religiões cristãs, e, sobretudo na bíblia e seus preceitos, onde dentre eles, está a obediência do filho aos pais. E essa obediência, que pode provocar sofrimento psíquico, se desdobra em várias expressões, que vão desde a dificuldade de interação com outras pessoas, e podendo chegar a adoecimentos psíquicos mais graves, fazendo com que desenvolvam doenças como ansiedade e depressão. Conforme Barroco (2001), essa reprodução cultural ocorre na transmissão de valores alienados da vida concreta eles são produzidos no campo das ideias e justificados somente por apreensões preconceituosas da realidade. A religião, como supracitada, contribui com esse processo assim como o Estado que, apesar de ser laico, usa símbolos do cristianismo como Jesus crucificado em instituições como câmaras de vereadores e escolas.

Foi constatado entre os sujeitos da pesquisa, que estes internalizam as violências sofridas por outros LGBTs ocorridos em outras regiões do país, por entenderem que o que motiva tais violências é fato destes serem LGBTs, e assim

demonstram medo de sofrerem violências semelhantes em São Borja, conforme pode ser visto nas falas:

[...] muitas vezes que eu saí a pé durante a noite, e quantas vezes eu acelerei meu passo, por causa que eu via alguém suspeito, assim, por medo. Eu nunca vi um caso, que acontecesse aqui em São Borja, mas de tanto a gente vê isso na televisão, a gente escutar, a gente lê, a gente cria o medo na gente e a gente sente pânico, porque tu nunca sabe o que vai te acontecer quando tu anda sozinho, nunca, nunca [...] (Entrevistado A).

[...] que é difícil, como é pra todo gay afeminado, é que ele é... que a gente leva na cara, pra muitas vezes conquistar os direitos ou senão responder por aqueles que não são, porque muitos gays, infelizmente, no nosso meio são heteronormativizados, tem aquele padrão [...] (Entrevistado G).

Além do medo das violências que podem sofrer nos diferentes espaços sociais, fica evidente na fala do entrevistado G: “O que é difícil, como é pra todo gay afeminado, é que ele é... que a gente leva na cara [...]” que gays, com características tidas como femininas estão mais propensos a serem vítimas de violências pelo fato de estas características deixarem evidente o fato destes serem gays. Essa perseguição esta assentada no machismo presente na sociedade, que pressupõe o homem como ser superior à mulher. Assim, homens gays sofrem com a desigualdade de gênero por decorrência de ter comportamentos femininos, ou seja, eles sofrem com o machismo e com o fato de não adotarem em suas condutas comportamentos atribuídos ao gênero masculino como: ser forte e viril. Então, ser gay, muitas vezes, vai de encontro a esses padrões, portanto, essas características são concebidas como negativas e devem ser repelidas, perseguidas até acabar. Nos termos de Leony (2006 apud CARDOSO; FERRO, 2012) essa visão é consequência de uma ideologia heterossexista que vê os homossexuais como “minorias desprezíveis e desprezadas”, ou seja, por não contemplarem esse ideal heterossexual, os LGBTs são tidos como algo que não deveria existir. Portanto, nos gays afeminados essas características contrárias ao que é tido como certo ficam mais evidentes, tornando-os alvos mais fáceis de serem identificados por aqueles que não têm conhecimento das diferentes formas de expressão de gênero e sexualidade.

O preconceito e a discriminação vão dificultando com que os LGBTs assumam sua identidade social, conforme pode ser visto na fala do sujeito G

“sempre tem aquela coisa estereotipada, bailarino é gay, é bicha, falam horrores, e isso vai te podando, vai te podando”. Isso também pode ser visto na fala

[...] atrapalha nessa parte de desenvolvimento pessoal... atrapalha muito! Porque, às vezes tu te tornas mais retraído. Porque dependendo do teu jeito, do teu comportamento, as pessoas fazem algum tipo de brincadeira, aí tu já comesças a ficar mais quieto no teu canto, não expõe tanto opinião, não debate tanto, não faz mais tantas amizades, e aí vai... aí atrapalha muito as outras coisas [...] (Entrevistado B).

Fica em evidência no depoimento do entrevistado (B), que a violência sofrida em dado momento da vida, sobretudo na infância e/ou na adolescência, é subjetivada pelos LGBTs causando um prejuízo no desenvolvimento pessoal destes. Esse prejuízo vai se repercutir na forma como se relacionam ao longo de sua vida, podendo dificultar desde as relações familiares, relações de trabalho e as relações sociais em geral. Esta vivência da violência torna os LGBTs mais retraídos, mais tímidos e inseguros quanto a sua identidade social, dificultando assim a construção de sua autonomia.

Diante das demonstrações dos pais sobre o que desejam para seus filhos, muitos LGBTs não encontram espaço para o dialogo fazendo com que sofram ainda mais com a fase que estão vivenciando.

Eu nunca falei nada pra ninguém, eu acho que sexualidade é uma coisa muito pessoal, e não sei se a hora, dependendo da pessoa, mas eu nunca comentei nada sobre o assunto, então, eu sempre sofri... algum tipo de preconceito [...] (Entrevistado B).

Gosto de outro homem, e isso também, assim, já no ensino médio eu já pensava assim, mas não tinha tanta liberdade pra falar com a minha família sobre o assunto, sobre a minha sexualidade, era algo muito... eu não tinha esse vinculo, né? Eu não podia falar abertamente sobre isso [...] (Entrevistado G).

[...] eu, conforme eu cresci da minha sexualidade, eu não sabia muito bem lidar com ela, quando eu era criança, até porque não tinha ninguém que dissesse: "é assim, é assado", vai acontecendo o processo, tu nunca sabe como que vai. Eu tive fases difíceis, de ficar depressivo em relação a sexualidade (Entrevistado D).

A evidente reprodução dos valores conservadores pela família faz com que os gays fiquem ainda mais fragilizados quanto a sua orientação afetivo/sexual, pois a família passa a ser mais obstáculo no processo de aceitação dos mesmos. E como sendo a família, o primeiro lugar onde estes poderiam encontrar apoio para

compreender e superar quaisquer dificuldades que encontrem, pode fazer com que os gays cresçam se sentindo sujeitos sozinhos, pois não são legitimados socialmente, e sim condenados, uma vez que veem a condenação nas falas proferidas pela família. Os depoimentos abaixo ilustram:

[...] essa parte sempre afetou, porque, é aquela história, eu nunca tive ninguém com quem conversar e as pessoas que estavam a minha volta sempre tinham uma visão contrária, sempre tentavam passar... como se aquilo fosse uma coisa errada, então, eu guardo, eu guardei muita coisa, é... são muitas coisas [...] (Entrevistado B).

[...] mas grandes problemas eu nunca tive, grandes problemas como a gente vê aí de pai cobrar, botar pra fora de casa, de discutir, de xingar, ou bater, esse tive de problema eu não tive, mas é esse desconforto como eu te disse, isso sim, então nesse sentido impacta sim, né? E a própria, desde a adolescência, própria, o teu sentimento de não saber como agir naquela situação [...] (Entrevistado G).

A fragilidade causada pela falta de apoio da família poderá acompanhar os LGBTs ao longo de suas vidas, tornando o LGBT inseguro sobre sua orientação afetivo/sexual ou identidade de gênero, fazendo com que se sinta desconfortável, conforme pode ser visto no depoimento do entrevistado (G), nas relações familiares. Esse desconforto poderá não se expressar somente quando da abordagem da temática LGBT pela família, mas também em todos os momentos, uma vez o familiar LGBT poderá, a todo o momento, se sentir desonesto ao não assumir para a família a sua orientação afetivo/sexual ou identidade de gênero, tomando somente para si a responsabilidade disso.

Inferiu-se com as entrevistas que muitos LGBTs negros subjetivam os valores conservadores produzidos na sociedade, de como homens e mulheres devem se vestir, se comportar, e com quem se relacionar, e assim reproduzem esses valores no meio em que convivem buscando vestimentas, ter comportamentos e relacionamentos com pessoas que tenham mais proximidade com o que é tido como normal na sociedade, ou seja, mais próximo do padrão heteronormativo. Segundo o entrevistado (A), “tu ainda reproduz muito desses valores que te reprimiam lá no passado”. E muitas vezes os LGBTs cobram de outros LGBTs essas posturas tidas como normais, e os excluem quando não há essa proximidade, fazendo com que se tornem hospedeiros da opressão que vivenciam. De acordo com depoimento do entrevistado (A): “Existem gays homofóbicos, existem gays que excluem outros gays, então são coisas que vem do seio familiar também, que vem do convívio social

[...]”. Segundo Freire (1987), “os oprimidos têm no opressor o seu testemunho de ‘homem’”, para eles, é como se aquele jeito de ser, fosse a única forma para conseguir ser legitimado socialmente.

Como citado acima, alguns LGBTs tem consciência dos processos que estão vivenciando, e assim conseguem visualizar fatos de suas vidas que podem ter contribuído com a formação de suas identidades sociais, como pode ser visto nas falas.

[...] hoje eu me sinto negro, nem sempre foi assim, porque tu já trás o estigma, a sociedade trás, tem todo um histórico de segregação, tu vive uma opressão cotidiana, através das piadinhas, através de todo o preconceito e do racismo velado, que tu acaba, na tua ingenuidade não querendo ser negro também, tu te sente sem forças pra lutar contra aquilo, então é mais fácil tu negar do que tu enfrentar [...] (Entrevistado D).

[...] eu cresci pra namorar uma menina, logo, eu como gay, eu tenho desejo por meninos, logo, eu vou procurar um menino hétero, não vou querer um menino afeminado, por causa que ele vai me remeter a uma menina, daí, tipo, a gente mesmo vai criando alguns preconceitosinhos: "Bah não curto afeminados", "bah, não, sem muita 'borboletice' perto de mim". Que daí é aquele gay normativo: "eu sou gay, gosto de ficar com outros caras, mas 'pera-lá, sou macho", entendeu? E tem coisas que são enraizadas desde que tu nasce [...] (Entrevistado A).

Porém, sem uma reflexão crítica do conhecimento acerca de si, essas descobertas viram mero pressuposto para a reprodução acrítica dos valores conservadores produzidos na sociedade que excluem outros LGBTs, como pode ser visto na fala do sujeito (A): “são critérios que muitos usam e dizem: ‘ah, é questão de gosto’. Só que, às vezes não é questão de gosto, às vezes, é questão de preconceito enraizado, que nem mesmo tu percebe que é preconceito”. Os LGBTs reproduzem esses valores em seu cotidiano e somente conseguem quebrar com isso quando tem acesso ao conhecimento da temática LGBT e da existência de outros LGBTs, pois assim conseguem questionar o modo como são vistos na sociedade.

Constatou-se que os LGBTs negros, internalizam os valores conservadores produzidos na sociedade, em relação a sua sexualidade e também em relação ao seu tom de pele, e assim acabam naturalizando atos de discriminação que sofrem, como pode ser visto na fala do entrevistado (C), quando perguntado se sofreu algum preconceito na escola este respondeu: “Acho que não, mas talvez sim, só por brincadeiras, assim, por tom de pele, foi só isso [...]”. E quando questionado sobre sua sexualidade, também recebemos uma resposta que naturaliza, tratando

como brincadeira atos de discriminação, como pode ser visto também no seguinte trecho (entrevistado C): “era umas brincadeiras... me chamavam de puto, veado, essas coisas assim, mas nunca sofri agressão, era só isso”. Sabemos que durante muito tempo esses atos de discriminação e preconceito foram tidos como brincadeira, pois os oprimidos eram tão silenciados que não ousavam reclamar do quanto essas brincadeiras podiam afetar seu psicológico e prejudicar suas vidas, porém, nos dias de hoje tem se o conhecimento do quanto essas “brincadeiras” podem ser perigosas e ferir diferentes sujeitos em sua dignidade. Podendo causar também problemas de saúde, como pode ser visto na fala a seguir:

[...] e eu fui muito retraído em função disso, principalmente no ensino fundamental, as pessoas diziam que eu era tímido, talvez essa não fosse a palavra certa, não era timidez, eu era exatamente retraído pra não me incomodar, pra não sofrer. Eu tenho um problema de coluna hoje, uma cifose, e o medico me disse que isso é comum em pessoas tímidas, porque elas andam encolhidas [...] (Entrevistado E).

Fica em evidencia no depoimento do entrevistado (E) um dos danos do preconceito e da discriminação na vida dos LGBTs, onde estes passam a se fechar em si, se tornam mais retraídos como forma de não serem vistos, para assim evitarem atos que os firam em sua dignidade, ou seja, estes vão somatizando o preconceito de uma forma que isso poderá causar seu adoecimento. Isso trás à luz a importância de considerar o preconceito para trabalhar a promoção de saúde do público LGBT, uma vez que o preconceito é o principio de todas as formas de violência que podem causar adoecimento físico e psíquico nos mesmos.

Identificou-se que, ao internalizarem os valores conservadores da sociedade capitalista, muitos LGBTs os reproduzem de modo que estes valores não permitem que eles mesmos possam se expressar como querem – ou como são - nos meios em que convivem, procurando agir de forma mais semelhante possível com o que é tido como normal. Em decorrência deste alinhamento muitos LGBTs discriminam outros LGBTs que não estão em conformidade com esta norma, há um preconceito com a diversidade dentro da própria diversidade, onde alguns excluem e muitos são excluídos por não terem fenótipos, estereótipos e comportamentos tidos como belos e normais em nossa sociedade. São estes comportamentos tidos como normais que muitos LGBTs buscam ter para evitar a discriminação nos diferentes espaços sociais que frequentam, conforme pode ser visto no seguinte depoimento:

Porque eu não vou te negar, porque no meu meio profissional, dependendo do ambiente eu tento me privar mais, tento ser mais discreto, porque é o meu profissional, e as vezes deixa amostra coisas que é do teu pessoal não vem ao caso [...] eu falava mais formal, e as vezes, até nem me dava tanta brecha pra mim... desmunhecar [...] (Entrevistado G).

Essa postura de se manter contido o tempo todo para não deixar transparecer traços de sua identidade que possam deixar em evidencia que são LGBTs podem desencadear em processos de adoecimento dos mesmos, pois esses atos geram ansiedade, tensão, uma vez que, há todo o sofrimento por não ser aquilo que é tido como normal, e ter de ficar a todo tempo tentando parecer o que não são somente para não sofrer julgamentos. Esses julgamentos vêm de pessoas que não são LGBTs e também de LGBTs, pois, há muitos LGBTs que tentam manter-se próximos a esses padrões de estética e comportamento hegemônicos na sociedade, e mais ainda, cobram de outros LGBTs a mesma postura de busca pela homogenização desses estereótipos de comportamento e beleza. Isso pode ser visto como uma das causas da fragmentação deste segmento populacional, pois os LGBTs ao reproduzirem os valores da sociedade capitalista reproduzem valores que discriminam e segregam outros LGBTs, seja pela cor – etnia, seja pelos estereótipos de gênero, fazendo com que haja uma fragmentação do meio LGBT, uma vez que LGBTs negros são discriminados por LGBTs brancos, gays como características femininas são discriminados por gays com características tidas como masculinas, lésbicas e pessoas transgêneras sofrem discriminação de gênero, e também há recortes de classe na discriminação de LGBTs com outros LGBTs. É de extrema relevância salientar a importância da união dos LGBTs para enfrentar o preconceito presente na sociedade, uma vez que só assim o movimento que visa lutar pelos seus direitos poderá ganhar força e alcançar os objetivos reivindicados.

A internalização dos valores conservadores produzidos na sociedade capitalista, pelos LGBTs, pode fazer com que estes busquem, e cobrem de outros LGBTs, comportamentos mais próximos do padrão heteronormativo, fazendo com que se sintam superiores quando alcançam algumas dessas características, e tratem como inferiores àqueles que não alcançam ou não tentam se alinhar a esses padrões. Como ilustra a seguinte fala.

As pessoas te olham com cara feia, de vez em quando, quando percebem que tu é gay e tudo mais, mas eu prezo muito pela discrição, eu não sou uma pessoa muito espalhafatosa, embora não pareça, mas eu... acho que é esse o meu diferencial [...] o meu diferencial é de que eu sou um gay com cultura, e um gay com requinte, porque muitas vezes os gays são muito espalhafatosos [...] (Entrevista G).

Essa reprodução dos valores conservadores presentes na sociedade capitalista, pelos LGBTs, pode fazer com que estes também julguem os movimentos de LGBTs organizados, e também outras minorias sociais, em luta pelos seus direitos sociais básicos, como pode ser visto no seguinte depoimento:

Movimento sem terra, são pessoas pobres, que não tem terra pra morar e tudo mais, e daí uma parada gay, ou um algum movimento de cultura afro, enfim, as vezes o próprio movimento, ele próprio se vitimiza, "ah, nós somos sofridos, porque a gente tem que levantar bandeira, porque a gente não tem dinheiro, porque o pobre é sofrido, porque ele foi escravo e tudo mais", ninguém consegue nada se... se cada vez tu mesmo se menosprezando, então se tu quer ir, vai de peito aberto, afim de tu defender a tua... essa questão que tu tá engajado. Eu acho que as vezes, os marginalizados hoje em dia são pessoas pobres, mas o quê que eles fazem? Eles mesmos roubam, claro que não vamos generalizar, né? Eu detesto isso! Mas as vezes eles mesmos roubam, a mesma coisa, os homossexuais lutam por uma causa tão boa, direitos, reivindicam mil coisas, mas a promiscuidade do meio LGBT é algo... inconfundível, os próprios negros se acham as vezes que não são suficientes, sabe? Não pode isso por causa... vou usar um exemplo, não sei se é o certo, mas vamos usar cotas, acho que isso acaba dizendo que a pessoa não é capaz daquilo [...] as pessoas por não conhecerem um gay ou coisa assim, pensam que aquilo, aquela coisa espalhafatosa, muito brilho, eu acabei desconstruindo esse conceito, esse pré-conceito, muitas pessoas que depois eu descobri, que me conheceram, conviveram comigo, me acharam diferente, me acharam legal, que gay não é bagunça [...] (Entrevistado G).

Fica evidenciado que a vivência de situações de preconceito e discriminação dificulta com que os LGBTs negros de São Borja se aceitem e se assumam perante a sociedade como realmente são, também faz com que estes internalizem os valores conservadores presentes na sociedade capitalista, e assim procuram reproduzir comportamentos que os aproxima do que é tido como normal, e essa internalização serve também como base para julgamentos de tudo aquilo que eles veem que não esta de acordo com o Status Quo.

A vivência do preconceito e da discriminação pelos LGBTs Negros de São Borja não provoca somente o sofrimento nos mesmos, pois serve também, como subsídio para que enfrentem todas as situações adversas que venham a vivenciar. Essa apreensão da realidade, por alguns entrevistados, configura a sua apreensão

do movimento dialético da realidade, onde o momento de vivência da sexualidade atribuída pelos valores dominantes é negado e as adversidades encontradas para assumir essa identidade na sociedade capitalista, o fazem elaborar novo conhecimento e atitude que dá força para seguirem lutando pelas suas vidas. Segundo Konder (2004) “a dialética parte do reconhecimento do fato de que o processo de auto-criação do homem introduziu na realidade uma dimensão nova, cujos problemas exigem um enfoque também novo”, logo, ao vivenciarem situações de preconceito, os LGBTs veem que os valores que servem como base para tais atos são excludentes e os desrespeita em seus direitos fundamentais⁷, veem o quanto isso é desumano, e assim, veem que precisam resistir a essa forma como são tratados. Demo afirma,

Toda realidade social gera, por dinâmica interna própria, seu contrário, ou as condições objetivas e subjetivas para sua superação. A antítese alimenta-se da estrutura do conflito social, tornando-se também marca estrutural da história, que caminha por antíteses [...] (1995, p.91).

Acerca da vivência do preconceito e discriminação no meio familiar, comunitário e social por ter uma orientação afetivo/sexual ou identidade de gênero diferente do que pressupõe os padrões heteronormativos e que podem fazer com que os LGBTs resistam a estas violências, podem ser visto nos seguintes depoimentos:

[...] eu sou assumido, eu me assumi como uma forma de luta, pra eu me impor, pra eu dizer: "Não, tudo que vocês estão falando é errado, eu sou diferente, e eu vou fazer diferente. Assim como existem pessoas iguais a mim, que fazem diferente" (Entrevistado A).

[...] teve fases que esse preconceito me ajudou, me deu forças pra mim dizer: "não, eu preciso vencer esse preconceito!" Porque, já há algum tempo eu venço muitas coisas na minha vida, desde o preconceito por ser negro, de ser da classe trabalhadora, de ser pobre, de ser gay, isso, são coisas que você vai vencendo o preconceito, mas muitas vezes isso se torna força, isso se torna coisa pra você resistir ao sistema [...] (Entrevistado D).

Essa resistência configura-se em uma nova síntese sobre o momento em que estão vivenciando, onde os LGBTs se fortalecem a partir do momento em que

⁷ Artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil, onde se lê: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança, e à propriedade [...] (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988, p. 05).

superam em suas subjetividades e suas condutas a contradição entre o que são e o que a sociedade deseja que sejam. Esse movimento constitui-se como um movimento de produção de saúde⁸ na qual os sujeitos tomam as rédeas da própria vida e superam processos nos quais negam seus desejos para satisfazer família, sociedade, Deus.

A forma como se identificam e se relacionam afetivamente sem culpa e/ou vergonha impacta na sociedade, pois a existência dessas novas identidades sociais produz novos sentidos e formas de vivenciar e interpretar as identidades de gênero e as orientações sexuais. Portanto, essas atitudes contribuem provocando reflexões quanto aos preconceitos reproduzidos socialmente pela cultura idealista. Logo, ao vivenciarem sua identidade social e se relacionarem afetivamente os LGBTs, em seu cotidiano, configuram estes movimentos em uma práxis que produz sentido na totalidade das relações sociais, pois produz novos padrões de sociabilidade.

A práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete a ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática [...] (KONDER, 1992, p.115).

Os movimentos praticados pelos LGBTs configuram-se em uma práxis amorosa, uma vez que, ao vivenciarem o preconceito e ao se conscientizarem de sua identidade social, estes superam a autorrejeição e passam a se aceitar, e a se relacionar como são e com quem desejam. Nos termos de Konder (2007) “o amor é uma “maneira universal” que o ser humano tem de se apropriar do seu ser como um “homem total”, agindo e refletindo, sentindo e pensando, descobrindo-se, reconhecendo-se e inventando-se”.

Quando os LGBTs resistem às normas socialmente impostas e passam a viver – a medida do possível - como desejam, mudam a si mesmos e quando se mostram a sociedade como realmente são, mudam, mesmo que minimamente, os locais onde estão inseridos através dos exemplos que se tornam. Segundo Kosik 1976 (apud KONDER, 1992, p. 126)

⁸ Saúde enquanto bem estar físico, mental e social.

A práxis compreende além do momento laborativo, também o momento existencial [...]. Ela se manifesta tanto na atividade objetiva do homem, que transforma a natureza e marca com sentido humano os materiais naturais, como na formação da subjetividade humana, na qual os momentos existenciais, como a angústia, a náusea, o medo, a alegria, o riso, a esperança, etc., não se apresentam como 'experiência' passiva, mas como parte da luta pelo reconhecimento, isto é, do processo da realização da liberdade humana.

Com isso, pode-se constatar, através das falas dos sujeitos entrevistados, a importância que tem o conhecimento dos temas identidade de gênero e sexualidade, bem como de temas correlatos a esses, para a compreensão dos processos que estão vivenciando e para que possam estar formulando sua resistência aos valores conservadores presentes na sociedade.

[...] depois conforme eu fui me... tendo conhecimento acerca do que seria sexualidade, como que ela se dava na sociedade, como funcionava todo esse esquema, né? Eu fui vendo que a gente tem formas de mostrar pras pessoas o que é essa sexualidade, e essas outras formas que não é a hétero [...] (Entrevistado B).

[...] tu começa a ter teu próprio pensamento racional, tu não vai pensar mais como os outros queriam que tu pensasse, tu desperta teu próprio pensamento, mas tu só vai conseguir despertar teu próprio pensamento a partir do momento em que tu se aceitar... como gay, pra não fugir do contexto, ou lésbica, sei lá [...] (Entrevistado A).

[...] tu precisa de uma certa caminhada, um certo empoderamento pra ti se aceitar, eu acho que eu comecei a me ver como negro após o ensino médio, e isso foi se aprofundando mais na graduação, e quanto mais tu avança, estudando principalmente essas questões, refletindo sobre isso, mais tu te identifica, e mais tu tem forças, até pra um ativismo, pra ti tentar esclarecer essas situações para outras pessoas [...] (Entrevistado D).

Pode ser constatado também na fala do entrevistado (D) que ao se assumir e resistir ao preconceito existente na sociedade, os LGBTs que assim fazem podem estar influenciando, de forma positiva, outros LGBTs que se encontram em um estágio anterior no processo de aceitação de sua identidade. Essa resistência ao preconceito influencia outros LGBTs e também a sociedade, como supracitado, pois ao mostrar, dar visibilidade a essas identidades sociais leva ao conhecimento de outras pessoas, LGBTs ou não, a existência dessas novas identidades, e sobretudo, o orgulho por serem quem são, apesar de todo o preconceito existente em nossa sociedade. Essa visibilidade poderá provocar processos de reflexão, uma vez que é conhecimento que chega a quem muitas vezes não conhece essas identidades sociais com maior proximidade. Isso pode ser visto também na fala:

É uma construção que a gente faz também, que a gente tem que começar a desconstruir. Então, eu me assumo por quê? Porque é a minha forma individual de mostrar pras outras pessoas que eu me aceito como eu sou [...] uma postagem que eu faça no meu facebook, por exemplo, falando sobre assumir-se gay pode fazer bem pra uma pessoa que tá lá do outro lado da tela, e vai ler aquela minha postagem e vai dizer: Bah, se ele consegue, porque eu não vou poder conseguir também! É uma militância silenciosa, mas ela existe [...] (Entrevistado A).

Fica exposto no depoimento acima, o fato de um LGBT se assumir perante a sociedade, ou seja, trazer isso ao conhecimento das pessoas com as quais se relaciona, pode também contribuir para o fortalecimento de outros LGBTs que ainda não conseguiram elaborar uma forma de assim o fazer, e ao terem conhecimento deste também veem que podem se assumir para a família, até mesmo para sociedade, em suas palavras: “É uma militância silenciosa, mas ela existe (entrevistado A)”. Entretanto, apesar de ser conceituada como uma militância silenciosa, a publicação realizada na rede social supracitada estabeleceu uma comunicação clara, objetiva, pública e com posicionamento político, o que torna ainda mais potencializador os efeitos desse ato.

Ao buscar responder como os LGBTs subjetivam a exclusão social que vivenciam, pode-se constatar que a cultura idealista produzida na sociedade e reproduzida pela família, se torna um grande entrave para que os LGBTs assumam sua identidade de gênero ou orientação afetivo-sexual, pois encontram ao longo de suas vidas, desde a infância até a fase adulta, cobranças dos diferentes atores sociais por não estarem de acordo, ou não serem o que é tido como normal. Essa ideia de normalidade está muito ligada aos valores religiosos, sobretudo oriundos das religiões cristãs, que dizem que deus fez o homem para a mulher, e condena práticas sexuais que fujam desse preceito. Estes valores também determinam que o gênero das pessoas esta diretamente ligada aos órgãos genitais, portanto, desrespeitando as pessoas transgêneras e a sua identidade de gênero enquanto construção social. Esses valores conservadores provocam diversas violências nos LGBTs, onde podem se desenrolar em processos de adoecimento físico e psíquico.

Tendo em voga o cenário encontrado pelos LGBTs, muitos têm medo de assumir sua identidade de gênero/orientação afetivo/sexual, pois subjetivam a cultura idealista de como devem ser, porém, alguns conseguem ver isso como uma etapa a ser vencida no processo de aceitação de sua identidade social. Outros não

veem assim, pois, tomam para si os valores conservadores da sociedade capitalista, e passam a tentar a aproximação com o que é certo – segundo estes valores, e também passam a cobrar de outros LGBTs a mesma postura. Essa internalização dos valores conservadores presentes na sociedade capitalista pelos LGBTs também faz com que sofram por estarem a todo o momento buscando se encaixar em padrões estéticos e de comportamento, podendo fazer com que desenvolvam adoecimentos físicos e psíquicos.

Ao hospedarem a opressão que vivenciam muitos LGBTs excluem outros LGBTs do próprio meio, pois veem estes como anormais por não estarem buscando uma proximidade com o que ditam os padrões heteronormativos. Esses atos de discriminação entre os LGBTs revela uma das principais razões pela fragmentação do meio e que posteriormente fragiliza a luta dos mesmos pelos seus direitos, pois, para a luta se faz necessário a união de um maior número de LGBTs, para que consigam levar suas reivindicações junto ao Estado.

Revelando a contradição presente no processo de exclusão social dos LGBTs negros de São Borja, infere-se que alguns LGBTs, ao sofrerem com o preconceito presente na sociedade, desenvolvem uma postura de resistência a esses valores, ou seja, eles passam a ter consciência que a existência dos valores conservadores presentes na sociedade capitalista é a causa dos seus sofrimentos, e ao mesmo tempo veem que devem resistir a esses valores. Estabelecem uma práxis ao vivenciarem o preconceito e ao se conscientizarem de sua identidade social, pois superam a autorrejeição e passam a se aceitar, e a se relacionar como são e com quem desejam. Baseado nisso, infere-se a importância de falar sobre o tema dentro da família, da importância de se assumir perante a família e a sociedade como forma de resistir a esse conservadorismo que quer manter os LGBTs em silêncio, com vergonha de suas identidades sociais e empurrando-os cada vez mais para as margens da sociedade. Se aceitar como LGBT é uma forma de resistir a isso, e indo além, se faz importante a união dos mesmos para resistir ao conservadorismo e lutar pelas pautas LGBTs junto à sociedade e ao Estado.

4.3 O preconceito reproduzido nas relações familiares: respondendo a segunda questão norteadora.

Para responder a segunda questão norteadora (Identificar como a exclusão social vivenciada pelos negros LGBTs se repercute em suas relações familiares), foram elaboradas as seguintes questões no roteiro de entrevista semiestruturado:

- O fato de você ter uma identidade de gênero/orientação afetivo-sexual diferente dos padrões heteronormativos impacta em suas relações familiares? Como?
- Por que você acha que a sua identidade de gênero/orientação afetivo-sexual impacta em suas relações familiares?
- Como você se sente em relação ao modo como a sua família compreende a sua identidade de gênero/orientação afetivo-sexual?

A partir dos depoimentos dos LGBTs negros de São Borja pode se ter conhecimento da apreensão de suas famílias sobre a temática LGBT, e de como essa apreensão se materializa nas relações familiares. As famílias dos entrevistados reproduzem os valores conservadores presentes na sociedade capitalista, valores estes produzidos na sociedade e reproduzidos no meio familiar, que acabam provocando uma série de violências contra os LGBTs. A família busca seguir, e cobra dos LGBTs, padrões e formas ideais de modos de vida, para manter modelos ideais de como deve ser uma família e como a sexualidade deve ser vivenciada, enfim, esses modelos prescrevem um modo de vida para os sujeitos fazendo com que esse processo se coloque como um obstáculo para as relações familiares. Assim as famílias não contribuem para a aceitação e construção da autonomia dos LGBTs em questão.

Eu sempre senti um desconforto mais por parte da minha mãe, há aquele sentimento de desconforto, é algo velado também, que começa lá na adolescência, começa antes das adolescência até, mas na adolescência aquela cobrança por arrumar namorada, toda família cobra, já é aquela pressão já há ali, então aquele desconforto de tu não ter uma namorada, enfim, eu por exemplo, eu nunca levei um namorado ou ficante, alguém em casa, pra não acentuar mais esse tipo de desconforto, eu não sabia como lidar com isso, com pessoas da minha família, pai, mãe conservadores, idosos já [...] (Entrevistado E).

Identificou-se que, imbuídos pelos valores conservadores, muitas famílias não falam sobre sexualidade em casa, ou muitas vezes, falam, mas somente em uma perspectiva heteronormativa, não permitindo que outras formas de sexualidade

sejam discutidas no meio familiar, de acordo com o entrevistado (E) “a gente nunca conversou sobre sexualidade abertamente, foi uma coisa que eu não achei necessária, que não partiu deles também”. Isso mostra que, quando discutidas, geram grande desconforto nos LGBTs, por essas questões serem tratadas ainda como algo alheio a família, uma vez que são nesses momentos que ela reafirma todos os valores conservadores presentes na sociedade, como exemplo, homens e mulheres devem se vestir de forma distinta, devem se relacionar somente com o sexo oposto, devem casar e ter filhos – constituir família. Segundo o entrevistado G: “Com a minha mãe o assunto nunca é tocado, de vez em quando que ela mesma fala alguma coisa, daí eu até dou risada, ela dá uma deixa, sabe? Daí eu falo, mas nunca é tocado [...]”, isso pode revelar um preconceito velado da família para com o sujeito LGBT, pois sua sexualidade é vista como um tabu, como algo errado e que não deve ser conversado, ou seja, a família expressa sua reprovação através do silêncio ao não falar sobre esses assuntos. Isso também pode ser visto nas seguintes falas.

[...] tocar nesse assunto muitas vezes dentro da família já é algo que gera muita discussão. E eu falo família, é ali do núcleo principal: pai, mãe, irmãos, por que eles não aceitam, alguns... não vou dizer que não respeitam, porque vai soar muito duro isso, mas, que até se encaixaria nesse termo [...] mas o problema maior, acho que seria o meu pai, eu não sei, em relação a formação, eu acredito que tem muito a ver, eu acredito não, eu sei que tem muito a ver com a formação que ele tem. Até em contato com a família dele, a maioria das pessoas também não tocam muito nesse assunto, parece que tem medo, sabe? de tocar em certos assuntos. E, assim, com ele a situação é sempre muito difícil, sabe? Se você entrar naquele assunto ali, ele já dá um jeito de falar alguma coisa, que não é, que ele acha que é errado, porque é isso, porque é aquilo. Tenho experiências, tenho histórias com isso e por aí vai... vai bem longe [...] (Entrevistado B)

[...] eu moro com meu pai, e tenho dois irmãos homens casados e com filhos, casamentos heteronormativos, e uma irmã também casada, com filho, então a gente tem uma relação... boa, harmônica, tranquila, não tem nenhum... eu sinto uma aceitação, uma aceitação, mas a gente não discute a fundo essas questões, mas nos demais membros da família, tios, primos, também é tranquilo, existe um costume de não se discutir [...] (Entrevistado E).

O preconceito identificado através do silêncio dos familiares se dá com aqueles LGBTs que não passaram pelo momento de se assumir com uma identidade de gênero e/ou sexualidade diferente dos padrões heteronormativos perante a família. Os sujeitos não assumem a sua identidade de gênero ou orientação afetivo-sexual, pois temem a reação da família ao saber, e a família se

usa disso, dessa suposta dúvida causada pelo fato destes não terem assumido sua identidade/sexualidade, para reproduzir discursos homofóbicos como forma de aumentar o medo e assim impedir quaisquer oportunidades que o familiar LGBT tenha de se assumir. A família reforça o medo no sujeito LGBT como forma de evitar que este se assuma, pois ela não quer lidar com a frustração de ter um familiar LGBT. Essa frustração está diretamente ligada ao padrão de família ditado pelas religiões de origem cristã, sobretudo pela religião católica, que tem um modelo de família, formada por pai e mãe e filhos - cisgêneros e heterossexuais, como algo sagrado. E ter um familiar LGBT desconfigura esse ideal de sagrada família, o que faz com que a esta reproduza diversas violências em suas relações com o familiar em questão, uma vez que, não quer evidenciar para a sociedade que tem um (a) filho (a) LGBT, pois isso demonstraria, aos olhos da cultura dominante, um fracasso dos pais, já que não conseguiram ensiná-lo a ser “normal” e a viver longe o pecado. Essa busca pela constituição da sagrada família pode gerar processos como depressão dos sujeitos LGBTs, brigas, e também violência física e psicológica dentro da família.

A família que se usa da dúvida da sexualidade de um familiar para reproduzir valores que o ferem pode estar sendo desonesta, pois está ignorando sinais que estão dados muitas vezes no dia a dia da família, como por exemplo, na fase onde a maioria dos meninos e meninas inicia sua vida sexual, os mesmos não demonstram interesse pelo sexo oposto, ou seja, a família tem informações, para formular um conhecimento acerca do familiar e mesmo assim, ou melhor, por isso, busca ignorar o fato a fim de mostrá-lo “o que é certo”, ocasionando várias formas de violência. Isso pode ser visto na seguinte fala:

Vou te falar bem a real, até hoje eu não me assumi pra minha mãe, mas ela sabe que eu sou homossexual, óbvio! [...] Eu não falei, ela não precisa, eu não preciso falar pra minha mãe! Toda mãe sabe, às vezes ela tapa o sol com a peneira, mas ela sabe, ela tá vendo. [...] e a vó minha também sempre soube, e de vez em quando fala: "Oh, já começou com essas frescuras!" (Entrevistado G).

Com os sujeitos que se assumiram LGBT para sua família também pode ocorrer a mesma dificuldade em tratar de sua identidade social dentro da mesma, pois, o preconceito não é superado da noite para o dia, uma vez que os valores conservadores que servem de base ou pressuposto para atos de discriminação

estão permeando vários níveis da nossa sociedade, a toda hora são reforçados, fazendo com que estas famílias tenham posturas de cobrança com os LGBTs e/ou se neguem a falar sobre esse assunto que se faz presente no meio familiar. Essa falta de dialogo pode fragilizar ainda mais o sujeito LGBT, pois, ao não abordar o assunto dentro de casa, a família também estará negando todo um suporte que este poderá necessitar para enfrentar o preconceito presente na sociedade.

Todos sabem, né? É evidente, até porque eu falo bastante e insisto em falar, todos sabem, mas muitas vezes eu vejo que alguns ignoram o fato, parece que isso não existe, e parece que não dão importância, [...] ou por exemplo, o fato de eu estar namorando, deu um impacto muito grande, porque daí todo mundo estava perguntando alguma coisa, eu pude ver que isso deu um impacto bem grande neles, e alguns ignoraram o fato, nem tocam no assunto [...] o que esse silencio significa muitas vezes? Será reprovação? Será o quê? Mas fica evidente que todos sabem, mas se eles concordam, discordam, aí acho que é um meio termo, uns sim, outros não [...] (Entrevistado D).

Fica em evidencia no depoimento acima que a família sabe da sexualidade do sujeito, mas mesmo assim os familiares não abordam o assunto, por verem as diferentes formas de sexualidade – não heterossexual, ainda como um tabu, como algo errado e assim evitam tocar no assunto com o familiar LGBT.

Muitos pais e mães, a família em geral, quando tocam no assunto dentro do meio familiar, o fazem como forma de recriminar o familiar por este ser LGBT, e conforme já citado em outro momento, quando o familiar ainda não assumiu a sua sexualidade para a família a mesma usa disso, dos discursos de ódio aos LGBTs, para aumentar o medo que estes têm em se assumir e assim, mantê-los em silêncio, pois é mais cômodo para a família que este permaneça sem se assumir. Porém, quando o familiar já assumiu a sua sexualidade para a família, esta se usa desses discursos discriminatórios para mostrá-lo o quanto isso é errado, numa tentativa de fazer com que o familiar LGBT mude, ou seja, desista de ser LGBT, uma vez que, muitas famílias ainda veem identidade de gênero e orientação afetivo/sexual como uma escolha, desconhecendo estas como construção social. Essas abordagens da família se constituem em diferentes formas de violência para com os LGBTs em seu meio familiar, onde alguns revelam que nunca sofreram violências nos diferentes espaços sociais exceto no meio familiar, conforme explicita o depoimento do entrevistado A: “Talvez, no meu caso, não digo no caso dos outros, porque cada

caso é um caso, tem gente que agride gratuitamente os outros, mas ninguém me agrediu gratuitamente ainda, a não ser dentro do meu próprio seio familiar”.

A família como reprodutora dos valores conservadores presentes na sociedade capitalista passa a cobrar dos familiares LGBTs um alinhamento a estes valores que na maioria das vezes negam a sua identidade social, constituindo assim, o meio familiar, um dos espaços onde ocorre maior concentração de atos de preconceito com os LGBTs. Isso pode ser visto no depoimento:

[...] já sofri discriminação, por exemplo, quanto a minha sexualidade, dentro do meu seio familiar, porque, eu não sei se tu sabe, Marlon, mas grande maioria do preconceito que a gente sofre durante a vida da gente tá enraizada dentro da própria família [...] (Entrevistado A).

Os valores conservadores reproduzidos pela família estão, muitas vezes, ligados às religiões de origem cristã, especificamente nos preceitos descritos na bíblia, onde estes ditam formas ideais de comportamento às pessoas e também com quem estas devem se relacionar. Essa reprodução acrítica dos valores religiosos faz com que a família não aceite um familiar LGBT, pois, conforme ilustra o depoimento “a... homossexualidade é um choque pra uma família cristã. Então, a partir desse ponto tu já imagina quantas agressões verbais a gente escuta, "porque isso é errado", "porque tu não deve ser isso" etc, etc, etc. Então, tipo, não é uma coisa tranquila” (entrevistado A). Porém, outros processos sociais perpassam essas relações e também contribuem para fortalecer o preconceito com os LGBTs, conforme pode ser visto no depoimento:

[...] sofri preconceito da minha mãe, porque a minha mãe, apesar de ser mulher, ela produz e reproduz muito machismo, ela é uma pessoa machista, então, além dela ser machista, ela é evangélica, então isso vai agregando. Então, imagina uma pessoa que é machista, que cria um filho pra ser aquilo que a gente já tava conversando sobre virilidade etc etc, pra constituir família, não que a gente não possa, porque a gente também pode constituir família. Deve chegar num determinado tempo que diz assim: bah, e os netos, como é que vai ser? Então, na época quando eu me aceitei e que eu me assumi gay, foi um bafafá todo na minha casa quando eles ficaram sabendo [...] (Entrevistado A).

Fica evidente no depoimento acima a influência dos valores religiosos na cobrança da mãe com o filho LGBT, e também a influência do machismo, uma vez que, ele cita, que um dos motivos do preconceito é o fato de a sua mãe ver que ele não será aquilo que ela espera, homem viril, que namorará uma mulher, irá casar e

ter filhos. O machismo enquanto sistema de representações-dominação do homem sobre a mulher na sociedade (DRUMONT, 1980) também serve como base para o preconceito como os LGBTs, pois atribui papéis específicos para o homem e para a mulher, pressupondo o homem forte e dominador, e a mulher frágil e dominada. Esses papéis se chocam com a identidade dos LGBTs, pois ser Lésbica, Gay, Bissexual, transexual ou travesti contraria esses papéis, uma vez que estão diretamente ligados à normatividade heterossexual, fazendo com que sejam cobrados e violentados por toda a família, conforme pode ser visto no depoimento abaixo.

Há uma pressão imposta pelos familiares, que são normativos, que são héteros, eles fazem com que tu se sinta egoísta, porque eles falam assim: "o que os vizinhos vão pensar de mim?" não é: o que os vizinhos vão falar de ti? "o que a fulana vai falar pra ciclana de MIM?" e não de ti. É como se toda aquela criação que eles te deram desde o teu nascimento até tu chegar na fase adulta fosse em vão. Como se eles tivessem falhado como pessoa e não tivesse te dado uma boa educação porque geralmente, algumas pessoas, elas tendem a dizer que sexualidade tá relacionado com a educação, mas não tem nada a ver uma coisa com a outra, por exemplo, "eu não te criei direito por isso que tu é assim" "o quê que eu fiz meu deus?" "onde é que eu errei?" [...] (Entrevistado A).

Neste depoimento aparece explicitamente o preconceito velado da família identificado nos depoimentos supracitados, onde o LGBT se sente pressionado pela família, pois esta, ao ver a orientação afetivo/sexual do familiar como algo errado, passa a cobrar dele uma postura, a postura que ela idealizou, a postura que é socialmente aceita, tida como normal, fazendo com que o familiar LGBT se sinta culpado por ser quem é.

O preconceito racial também se faz presente nas relações familiares dos LGBTs Negros de São Borja. Por conta do seu passado escravagista, e por isso da vinda do grande número de indivíduos nascidos no continente africano trazidos à força e escravizados, e também pelos seus povos nativos, o Brasil se constituiu em país miscigenado, onde é comum encontrar famílias com indivíduos com tom de pele negra e outros com tom de pele clara, fazendo com que o preconceito presente na sociedade seja também reproduzido no meio familiar. O depoimento a seguir ilustra.

A minha família, ela bem dividida, né? Muitos são negros e muitos são alemães, então tem esse impacto, né? Por exemplo, da minha mãe, dois

filhos da minha vó são alemães e dois são negros, então tem um forte impacto, tem esse preconceito bem vigente [...] eles tem o costume de dizer que a gente tem o nariz largo! [...] isso é um preconceito [...] a toda hora é uma certa violência que tu tá sendo exposto: "Ah, negro! Você é negro, você é preto, você... escuro, não sei o quê" são várias outras formas também que vão falando pra gente [...] (Entrevistado D).

Na família composta por indivíduos com o tom de pele mais clara e indivíduos com tom de pele negra, os familiares de pele clara violentam os familiares negros, usando dos traços físicos para tentar ofendê-los, ou seja, o tom da pele e os traços físicos, comum em pessoas negras, são vistos como aspectos que desqualificam, inferiorizam esses sujeitos. Segundo Wanderley (1999, p. 17),

Muitas situações são descritas como de exclusão, que representam as mais variadas formas e sentidos advindos da relação inclusão/exclusão. Sob esse rótulo estão contidos inúmeros processos e categorias, uma série de manifestações que aparecem como fraturas e rupturas do vínculo social (pessoas idosas, deficientes, desadaptados sociais; minorias étnicas ou de cor; desempregados de longa duração, jovens impossibilitados de aceder ao mercado de trabalho; etc

Pode-se inferir que um sujeito que agrega dois ou três destes marcadores de exclusão tem sua exclusão agravada, logo, o LGBT negro sofre duplo preconceito, por ser negro e por ser LGBT, conforme pode ser visto no depoimento do entrevistado (D): "tenho uma tia que ela fala, além de ser negro é gay. As pessoas veem como duas coisas erradas, como coisas negativas, bem negativas!". A fala explicita os valores e padrões hegemônicos na sociedade capitalista, reproduzidos nas relações familiares, que discrimina e exclui os LGBTs, e ainda mais os LGBTs negros.

O preconceito étnico alcança todas as esferas sociais que tenham ligação com o quê descende do continente Africano no Brasil, e entre elas a religião, isso pode fazer com que sujeitos LGBTs negros que professam essas religiões sejam alvo de discriminação dentro de casa, conforme pode ser visto no depoimento.

A minha mãe é evangélica, é quase fanática, aí nessa quarta feira eu disse: " eu tenho que ir na sessão de umbanda", e ela disse assim: " aí meu deus que horror isso!", eu disse: "o que, tu não vai nas tuas sessões? Eu tô indo na minha, qual é a diferença?", "aí meu deus, que horror, se cuida", parece que tem toda aquela reprovação, aquele medo, é uma religião como outra, isso não muda o fato de ser da umbanda, mas as pessoas criam esses estereótipos que a gente vai lá pra fazer o mal, que a gente vai lá pra matar alguém, pra fazer mal pra fulano, as pessoas ainda não entendem isso [...] (Entrevistado D).

Fica evidente no depoimento o preconceito do familiar que professa a religião evangélica com o LGBT que professa a religião de matriz africana, e de como este tem uma visão pejorativa, que demoniza a outra religião perante a sua, como se a sua fosse a melhor, a certa, e a do outro como algo errado, feita para fazer o mal. O uso da palavra “horror” demonstra o medo da mãe ao ouvir do filho que este precisa ir à sessão de umbanda, e o “perigo” que isso representa na visão dela, pode ser constatado quando ela diz “se cuida”. É frequente a família usar palavras e termos pejorativos no tratamento com os familiares LGBTs, sobretudo em discussões relacionada à identidade de gênero ou orientação afetivo/sexual destes, mas também em discussões que a sua identidade social não esteja em voga, a família usa destes termos pejorativos como forma de ofender, de rebaixar os LGBTs, como pode ser visto no depoimento.

Moro junto com as minhas primas, que moram junto com a minha vó [...] de vez em quando tem algum desentendimento porque daí eu dou pitaco na vida delas, porque as atitudes que elas fazem eu acho... que não... eu não gosto, e daí o que elas falam pra me agredir é me chamar de homossexual, tudo mais, bicha, "ai seu veado" [...] (Entrevistado G).

Situações como esta citada acima, onde os familiares usam da orientação sexual dos sujeitos como forma de ofensa torna explícito o pensamento dentro da família, podendo fazer com que os LGBTs não se sintam a vontade no meio familiar, conforme ilustra o depoimento do entrevistado G: “Relações familiares... tá aí uma coisa que eu acho muito estranha pra mim, porque a minha relação familiar é cada um por si e deus por todos”, ou seja, as diferentes formas de violência sofridas no meio familiar podem fazer com que os LGBTs tenham relações alienadas, uma vez que não veem na família lugar onde possam encontrar apoio quando precisam. O depoimento abaixo também ilustra.

Tios, até nem tenho tantos tio, não tenho nenhum tio, só tenho tia, na verdade por parte da minha mãe, porque a família do meu pai eu excluí, eu não falo com ninguém, eu não me dou com ninguém, não tenho contato, desde sempre, e... depois que me descobriram gay então mais ainda [...] (Entrevistado G).

Os LGBTs passam a ser ignorados pelos familiares, por conta de sua identidade social, fazendo com que estes não vejam na família um lugar que possa

os auxiliar quando precisem - seja por violências nos demais espaços sociais ou por problemas inerentes as suas condições de vida, pois, nos termos de Nunes (et al., 2016, p. 27),

A família não é uma concepção natural, estática e universal, segundo estudos da história, antropologia e sociologia, ela foi construída socialmente e se transformou em decorrência do processo sócio-histórico, sendo reconhecida no século XXI como sendo espaço de proteção e crescimento de seus membros.

Partindo do que pressupõe o conceito de família trazido por Nunes (et al., 2016), a família não tem sido, na maioria das vezes, para o LGBT, um espaço de proteção e crescimento, uma vez que, ao reproduzir os valores morais presentes na sociedade, a família pode se tornar algoz dos familiares LGBTs. A família ao não aceitar a identidade de gênero ou orientação afetivo/sexual dos LGBTs, pode produzir diversas formas de violência com seus membros com essas identidades diferentes dos padrões heteronormativos. Entretanto, é importante salientar que a família pode contribuir com o fortalecimento do familiar LGBT para que este possa enfrentar o preconceito produzido na sociedade. Ela também pode se unir na luta por direitos dos LGBTs, uma vez que essa luta não é somente dos LGBTs, é também da família e de toda a sociedade.

Ao buscar responder como a exclusão social repercute nas relações familiares dos LGBTs negros, identificamos que o preconceito presente nessas relações se dá de duas formas, ora de forma velada, ora de forma explícita. O preconceito velado pode se dar com aqueles LGBTs que se assumiram e também com os que não se assumiram com uma identidade de gênero ou orientação afetivo/sexual perante a família. O preconceito velado com os LGBTs que não assumiram a sua identidade de gênero ou orientação afetivo/sexual para a família pode se manifestar através do silêncio da família ao não abordar a temática LGBT e também quando esta aborda a temática, mas falando de terceiros, sempre depreciando estes e colocando sua opinião como algo certo, que deve ser seguido e nunca questionado.

A família evita abordar a temática LGBT dentro de casa, pois este assunto ainda é um tabu, ou seja, visto com algo errado e que não deveria existir. Essa percepção da família faz com que evitem falar sobre o assunto, entretanto, quando falam reproduzem uma perspectiva de reprovação, usando terceiros como exemplo,

para mostrar para o familiar o quanto isso é errado e pode envergonhar uma família. Portanto, esse artifício é usado como forma de aumentar o medo que o familiar LGBT tem de se assumir ao ver a reprovação da família.

O preconceito com LGBTs assumidos são mais explícitos, uma vez que a família mostra a sua opinião, ou seja, a sua reprovação falando diretamente ao familiar que este está errado em ser como é. Isso se desdobra em diversas violências com os LGBTs, podendo fazer com que estes adoçam física e psicologicamente, uma vez que torna ainda mais dolorida a constituição de suas identidades sociais.

A família reproduz os valores conservadores produzidos em nossa sociedade, que produzem formas ideais de como os sujeitos devem ser e se portar, e, de como uma família deve ser. Estes valores oriundos das religiões de origem cristã determinam uma forma ideal de família, formada por pai, mãe e filhos, todos cisgêneros e heterossexuais, seguindo assim o modelo de família, a sagrada família.

Em uma tentativa de enquadrar sua família aos moldes de família tidos como normais em nossa sociedade, muitas famílias cometem várias violências com os familiares LGBTs, ao cobrarem destes, mudanças e alinhamento ao que pressupõe a cultura idealista.

O preconceito da família faz com que os LGBTs tenham relações familiares alienadas, pois passam a ver a sua família não mais como um lugar que possa contribuir para o seu crescimento humano e pessoal, mas como, mais um obstáculo imposto pelo preconceito. A família, ao reproduzir o preconceito oriundo da sociedade, contribui com a exclusão a que estão expostos os LGBTs no dia a dia, tornando-se mais um espaço onde os LGBTs são feridos em sua dignidade humana, e assim, não contribui para a construção da autonomia dos mesmos. Entretanto, é importante salientar que a família pode ajudar no fortalecimento do familiar LGBT, buscando entender a sua identidade e respeitando suas particularidades.

Dirimimos os julgamentos de valor no tratamento dos dados referentes à família, abstraindo assim qualquer culpa que esta tenha que vá além da reprodução do preconceito produzido socialmente, com isso deve-se compreender que a família ao reproduzir tais preconceitos o faz por medo de não saber lidar com o fato de ter um familiar LGBT, uma vez que há um padrão hegemônico de sexualidade e identidade de gênero.

4.4 O preconceito em diferentes espaços sociais (Respondendo a terceira questão norteadora)

Para responder a terceira questão norteadora (Conhecer como a exclusão social vivenciada pelos LGBTs negros se repercute nas relações sociais), foram elaboradas as seguintes questões no roteiro de entrevista semiestruturado:

- Você frequenta/frequentou a escola?
- O fato de você ser LGBT contribuiu com algum tipo de preconceito na escola?
- O fato de você ter uma identidade de gênero/orientação sexual diferente dos padrões heteronormativos e ser negro impacta/impactou nas relações com seus colegas de escola?
- Você acha que seu rendimento escolar pode ter sido prejudicado pelo preconceito?
- Você trabalha/trabalhou?
- Como você se sente em relação ao seu trabalho?
- O fato de você ser negro e ter a identidade de gênero/orientação sexual diferente dos padrões heteronormativos impacta/impactou em suas relações no trabalho?
- Você frequenta alguma religião?
- O fato de você ter a identidade de gênero/orientação sexual diferente dos padrões heteronormativos impacta/impactou em suas relações religiosas?

Com base nos depoimentos dos LGBTs Negros (a) de São Borja pode ser constatada a forma como a exclusão social repercute em suas relações sociais. Identificou-se que essa repercussão se dá de duas formas, ora de forma velada, ora de forma explícita, pois quando questionados se sofreram algum tipo de preconceito nos diferentes espaços sociais que frequentam, o preconceito é identificado, mas não de forma explícita, uma vez que algumas pessoas usam de palavras rebuscadas e com educação disseminam sua visão conservadora sobre a sexualidade humana, onde o que não está dentro do espectro heteronormativo não é aceito, ou seja, é visto como errado, como algo que não deveria existir, que deve ser ignorado e jogado às margens da sociedade. Segundo o depoimento do entrevistado (A) “algumas pessoas até te tratam com educação, mas por trás, talvez, instigam o veneno, o preconceito, alguma coisa, mas na tua frente elas não fazem isso”, e de acordo com o depoimento do entrevistado (D) “não é só a linguagem da fala que muitas vezes nos diz coisas, a linguagem do corpo também nos diz muito sobre os preconceitos que a gente sofre”. Portanto, podemos inferir que há um

preconceito com LGBTs negros que nem sempre é explícito, pois se dá de forma sutil, de forma velada.

O preconceito com LGBTs Negros tem sua origem em uma visão eurocêntrica do mundo, onde somente o que é branco é visto como bonito, e com a profunda influência dos valores religiosos no que tange a novas identidades de gênero e orientação afetivo/sexual. Essa visão eurocêntrica e moralista cristã é produzida e reproduzida nos diferentes espaços sociais, porém, nos dias de hoje podemos observar a importância das mídias, no papel de difusora desses valores conservadores que excluem LGBTs, e sobre tudo LGBTs negros. Isso pode ser observado no depoimento.

[...] quando a gente tenta achar uma coisa que nos represente, por exemplo, um gay negro na televisão brasileira, numa novela, como eu parei de assistir novela, eu não lembro de nenhum, quando eu lembro de um LGBT, gay em alguma novela eu vou lembrar do quê? Um caricato, que fazia todo mundo dar risada, e que era branco! Então, não existe representatividade. Tu abre teu facebook, abre uma página, qualquer página sobre gays, sobre LGBTs, aquelas que gostam de colocar frasesinhas bonitinhas em fotos de casais de gays, é raro tu encontrar uma foto que tenha um casal de LGBTs negros ilustrando uma frase bonitinha ou não, geralmente é aquele mesmo casal branco, cabelo liso, barbudo. É sempre aquele estereótipo [...] é uma coisa que é enraizada [...] (Entrevistado A).

Pode ser constatado no depoimento acima que a mídia, especificamente os canais de televisão, assume um papel de disseminação de estereótipos sociais, uma vez que mostra somente uma parcela da sociedade, a parcela cisgênera, heterossexual, branca, cristã, magra e classe média/alta, deixando de lado outras parcelas da sociedade, que quando veem TV não se sentem representadas.

A “indústria cultural” – TV, jornais, publicidade, certo tipo de cinema, rádio – está frequentemente fornecendo exemplos de etnocentrismo. No universo da indústria cultural é criado sistematicamente um enorme conjunto de “outros” que servem para reafirmar, por oposição, uma série de valores de um grupo dominante que se autopromove modelo de humanidade (ROCHA, 1988, p. 09).

Com o avanço da comunidade LGBT na luta por direitos, personagens LGBTs, sobretudo personagens gays, são vistos em novelas de canais de TV aberta, no entanto esses personagens ainda são muitas vezes caricatos, trazendo uma imagem que se tinha dos gays em outras décadas, de que todo gay é engraçado e todos os trejeitos de um gay são engraçados, ou seja, uma imagem

estereotipada do que são os gays, como atenta o entrevistado (A), “são personagens que fazem “todo mundo” rir e são personagens gays brancos heteronormativos”, não dando visibilidade à diversidade dos LGBTs. Já há alguns anos em que os LGBTs veem ganhando espaços nas mídias no Brasil, porém essas abordagens da mídia nem sempre são politicamente corretas, por isso, é importante salientar o conhecimento a cerca da temática LGBT nessas abordagens, uma vez que, os profissionais da área da comunicação estão diretamente ligados à formação da opinião da população do país, seja no jornalismo, propagandas, revistas, programas de entretenimento, lazer ou culturais de rádio e televisão (MENDES, 2011).

Os LGBTs negros muitas vezes encontram dificuldades de relacionamento dentro da sociedade capitalista, uma vez que são vítimas de preconceito ora por ser negro, ora por ser LGBT, como pode ser visto no depoimento do entrevistado (B).

As pessoas sempre julgam, taxam, rotulam as pessoas muito pelo comportamento e principalmente quando você, na história do se assumir perante a sociedade, elas vão te rotulando, então, tem pessoas que as vezes não conversam ou param de conversar... e aí vai. Fazer amizades com certas pessoas não tem como, você vai lá e conversa com a pessoa e vê que ela tem pontos de vista muitos diferentes em relação ao assunto, e as vezes elas nem te dão entrada em relação a essa visão... diferente, divergente em relação a esse tipo de assunto.

Fica evidente com o depoimento do entrevistado (B) o julgamento a que podem estar submetidos todos aqueles que demonstram ter uma identidade social diferente do que pressupõe os padrões heteronormativos, ou seja, em suas relações sociais, os LGBTs são julgados pela forma como se vestem ou pela forma como se portam e assim são ignorados, muitas vezes excluídos dos diferentes espaços sociais que frequentem, como por exemplo, a escola.

A negação dos homossexuais no espaço legítimo da sala de aula acaba por confiná-los às ‘gozações’ e aos ‘insultos’ dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos (LOURO, 2010, p. 68).

Essa exclusão pode ocasionar diversas violências psicológicas, provocando até mesmo o adoecimento psíquico dos mesmos, uma vez que se sentem julgados a todo o momento e por não se sentirem inseridos de fato na sociedade. Esse adoecimento pode ser observado no seguinte depoimento.

Eu tive fases difíceis, de ficar depressivo em relação a sexualidade, mas que foi sendo superado conforme eu fui tendo conhecimento com outras pessoas, que também me ajudaram bastante acerca disso, mas nunca da forma de uma instituição nos ajudar, né? Como a escola, por exemplo [...] (Entrevistado D).

Pode ser observado no depoimento do entrevistado (D) o adoecimento causado pelo preconceito por ter uma sexualidade diferente dos padrões heteronormativos, mas este diz que superou essa fase, e que o conhecimento acerca de novas formas de sexualidade foi importante em seu fortalecimento, porém ressalva a importância de isso vir de instituições sociais como a escola. A escola enquanto locus privilegiado do conhecimento humano poderia auxiliar no fortalecimento de LGBTs. Segundo Cury (2000, p. 77), a escola

[...] é o terreno de luta entre a classe dominante e a classe explorada, ela é o terreno que se defrontam as forças do progresso e as forças conservadoras. O que lá se passa reflete a exploração e a luta contra a exploração. A escola é simultaneamente reprodução das estruturas existentes, correia de transmissão da ideologia oficial, domesticação – mas também ameaça a ordem estabelecida e possibilidade de liberação.

Ao abordar esse tema junto à comunidade escolar como um todo – professores, pais e alunos – a escola estaria contribuindo com o processo de superação do preconceito produzido socialmente, porém, isso não acontece, pois a abordagem dessa temática na escola é vista de forma errônea por diferentes setores – conservadores - da sociedade. Nos termos de Graupe (2013), abordar essa temática no meio escolar ainda é reprimido, pois entende-se que sexualidade é assunto para ser discutido somente no meio familiar. A importância da discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas se faz importante uma vez que, com a construção do conhecimento acerca da temática LGBT, os alunos poderiam ver a importância do respeito a essas “novas” identidades sociais. Ainda segundo Graupe (2013), a escola é espaço social onde diferentes identidades se encontram e se constituem, portanto, um dos lugares mais importantes para se educar para o respeito à diferença. Segundo dados da pesquisa “Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: Por que frequentam?”⁹, uma das principais violências sofridas na escola é

⁹ Pesquisa realizada em diferentes estados do país, com o apoio da Flacso-Brasil (Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais), OEI (Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a ciência e a Cultura) e do MEC (Ministério da Educação).

a LGBTfobia, sobretudo a homofobia e a transfobia, segundo a coordenadora da pesquisa, Miriam Abramovay (2016) , os números chamam a atenção por serem maiores do que na primeira versão da pesquisa de 2004. Sem o debate, os LGBTs encontram dentro da escola, muito preconceito, como pode ser visto no depoimento abaixo.

[...] uma vez só que tinha uma professora que não ia muito comigo, que me olhava com cara feia [...] Era pelo fato de eu ser homossexual [...] já sofri esse preconceito, mas eu não sabia que eu sofria esse preconceito, porque eu me lembro que logo no ano que eu fui pro meu colégio, na sexta série, eu tinha ido pra praia, e eu pego cor muito fácil, e daí sim eu tava bem pretinho [...] depois eu descobri por outras pessoas que tinham uns meninos que não gostam de mim [...] são extremamente homofóbicos, que eles tinham dito, "ah, agora vem mais... não basta ser preto tem que ser veado", me apelidaram de ppp: preto, puto, pobre [...] (Entrevistado G).

A falta da abordagem da temática LGBT na escola, oriunda do conservadorismo presente na sociedade, faz com que os LGBTs cheguem à escola e encontrem um lugar despreparado para recebê-los, uma vez que lá sofrerão violências por demonstrarem comportamentos tidos como inadequados para o seu “sexo”, como por exemplo, meninas que querem jogar futebol e meninos que não querem jogar futebol. Segundo Ramires (2011), humilhações e maus tratos estão entre as violências sofridas por jovens LGBTs na escola, e isso afeta o seu rendimento escolar, uma vez que, diminui o interesse destes pelas aulas. E essa violência poderá ser praticada tanto pelos colegas de classe, quanto pelos professores, conforme pode ser visto na fala acima, onde o sujeito explicita duas ocasiões em que sofreu preconceito dentro da escola, ora por ser homossexual, por parte de uma professora, e em outro momento por ser homossexual negro e da classe trabalhadora, por parte dos colegas de classe. Para Graupe (2013), a desigualdade vivenciada por muitos sujeitos na escola fortalece e acentua as disparidades sociais, criando um senso comum sobre a existência e continuidade das injustiças. Porém, preciso pensar a educação como campo privilegiado, de longo prazo, no combate a homofobia, pois a escola pode e deve auxiliar os sujeitos a se relacionar afetiva e sexualmente, para que assim, possam amadurecer sem perseguições de “fantasmas medievais” (RAMIRES, 2011).

Quando o LGBT consegue superar as adversidades vividas no meio escolar e assim concluir o ensino médio, e consegue chegar até o ensino superior, ele também encontra muito preconceito, tanto por parte dos colegas, quanto dos

professores que ainda, também, não estão preparados para conviver com outras formas de sexualidade e identidade. O depoimento abaixo nos mostra.

Eu sofri esse ano, dentro da universidade, quando me perguntaram: "Mas tu é negro?", e eu disse que sim e disse que tinha entrado por cotas, e evidentemente essas pessoas que me perguntaram eram de outro curso, e nunca mais vieram falar comigo, me excluíram automaticamente, e também tive outro caso que foi, um rapaz que eu tava ficando, já fazia um tempo, e aí ele me perguntou se eu era cotista e se eu era negro, eu disse que sim, e aí ele automaticamente não quis mais ficar comigo por causa dessas questões. [...] As pessoas fazem essa seleção sabe, acontece muito nitidamente, e parece que é algo bem natural, as pessoas não dão muita bola [...] (Entrevistado D).

O depoimento evidencia o preconceito velado presente nas relações desenvolvidas pelo entrevistado (D) na universidade, uma vez que ao saberem que este era cotista e, portanto se declarava negro, foram o excluindo dos seus círculos de amizade. O entrevistado (D) chama a atenção para o fato de como essa exclusão se dá de forma "naturalizada", onde para os outros é normal selecionar somente brancos, heterossexuais para seu círculo de amizades, e os LGBTs negros não fazem parte dessa seleção tida como natural.

Ao se inserirem no mundo do trabalho os LGBTs podem se deparar com cenários muito semelhantes a estes encontrados no meio escolar e universitário, porém, dependendo do meio em que se inserem o preconceito poderá ser mais ou menos explícito, ou seja, o preconceito irá variar de área para área de atuação, dependendo de determinação social de gênero à determinada profissão. Homens inseridos em profissões tidas como profissões femininas poderão sofrer mais preconceito, assim como mulheres inseridas em profissões tidas como "de homem" poderão sofrer mais preconceito do que mulheres em áreas atribuídas a elas. De acordo com Luz (2011), as conformações racistas e homofóbicas sujeitam o mundo de trabalho, limitando as opções de trabalho para homossexuais negros e negras. Por isso, "a gente tem que negar a nossa sexualidade dentro do trabalho, o professor é assexuado muitas vezes" segundo o depoimento do entrevistado (E). Também sobre suas relações de trabalho na área da educação o entrevistado (B) nos fala:

Com colegas de trabalho eu acredito que não, por ser uma coisa mais velada, e como é dentro da educação, eles até se policiam, então eu nunca

sofri nenhum tipo de exclusão ou preconceito, ou alguma coisa do tipo. Se aconteceu alguma coisa, não foi algo tão explícito [...] (Entrevistado B).

Segundo os depoimentos acima, o professor tem de buscar manter uma postura de “discrição” sobre sua sexualidade, ou seja, tem de procurar diminuir traços de sua identidade social e procurar se aproximar o máximo que puder de uma postura heterossexual para assim evitar sofrer violências no seu ambiente de trabalho, ou para que essas violências sejam atenuadas, como pode ser visto no depoimento do entrevistado (E), onde os outros profissionais encontram formas de demonstrar sua reprovação aos LGBTs de forma velada.

Os espaços onde se professam as religiões de origem cristã são espaços historicamente conservadores, uma vez que seus dogmas dependem da conservação de seus valores para continuar existindo e influenciando a vida das pessoas. Por isso, são também, espaços onde os LGBTs podem encontrar o preconceito de forma velada em suas relações com outros sujeitos. Quanto perguntado sobre suas relações religiosas o entrevistado (B) nos diz:

Se eu sofri alguma coisa também não foi nada explícito, ou também porque eu nunca conversei com alguém de lá sobre isso, mas eu acho que tem sim, eu sinto pela maneira com que me tratam as vezes[...]de maneira meio excludente... nunca ninguém me tratou mal, mas as vezes você nota que as pessoas não conversam tanto.

Fica evidenciado no depoimento do entrevistado (B) o preconceito velado em suas relações religiosas, onde ele vê que as pessoas que frequentam a mesma igreja que ele não o procuram para conversar e que isso se deve ao fato dele ser LGBT. O preconceito no meio religioso não é incomum, pois sabemos que muito do preconceito com LGBTs é oriundo dos preceitos religiosos que dizem que homem não deve se relacionar com homem, e somente se relacionar com mulher. Os preceitos religiosos em relação ao surgimento do homem e da sexualidade no homem fazem com que as pessoas que professem esses valores não entendem orientação afetivo/sexual e identidade de gênero como uma construção social, e sim como algo natural feito por deus. Isso faz com que o preconceito seja quase uma barreira intransponível na sociedade, pois uma mudança nesse modo de enxergar mexeria com algo muito importante para as pessoas, a sua religião.

O preconceito velado com LGBTs negros pode ocorrer nos diferentes espaços sociais em que eles transitam em seu dia a dia, desde a escola, a padaria,

o mercado do bairro, ou seja, em qualquer lugar em que se relacione socialmente ele estará sujeito a sofrer preconceito, pois há uma seleção silenciosa na sociedade, onde o que faz parte do padrão heterossexual é preferido, e conseqüentemente, todos que não se encaixam nesse padrão são excluídos. Isso pode ser visto no depoimento:

[...] "Eu não fico com negros porque eu não gosto, mas eu não tenho preconceito" tem também o "não fico com meninos afeminados" então são coisas que a sociedade ainda polui a gente... Sabe, a gente tem um padrão afro, e o padrão afro, ele é desconstruído como sinal de beleza, do que é belo, do que é bonito. Tu pode ser bonito, muitas pessoas podem te achar bonito, mas geralmente vai ter outra pessoa que vai ser branco, que vão dizer: "mas fulano é mais bonito". Podendo ele ser feio, ele pode ser o cão chupando manga, mas por ele ser branco, vão dizer: "é, o cabelo do fulano é um pouquinho melhor" então, são coisas que o estereotipo de beleza contribui bastante na rejeição do gay negro, porque existe a rejeição do gay negro, assim como existe a rejeição do gay gordo, existe a rejeição do gay afeminado... é como se tivesse castas dentro do grupo de gays, sabe? Que impõe que tu fique com... gay preto tem que ficar com gay preto, gay gordo tem que ficar com gay gordo, gay branco tem que ficar com gay branco, e eles estão lá no topo, enquanto os outros vão caindo [...] (Entrevistado A).

Essa seleção que contempla aqueles que se encaixam no que é tido como padrão, o padrão heterossexual, e exclui muitos sujeitos que não se encaixam, que não buscam se encaixar nesses padrões, fazendo com que estes encontrem também no meio LGBT a reprodução destes valores e por fim o que acaba provocando uma segregação baseada em diferentes características conforme evidencia o depoimento acima. Segundo o entrevistado (D): "as pessoas tem esse intuito de julgar muito, então elas vão selecionando: 'ah, ele é negro, ele é gay, ele é de uma classe menos favorecida, classe trabalhadora', e então, automaticamente, vão excluindo essas pessoas". Isso também fica evidente no depoimento a seguir.

A sociedade, ela tem todos aqueles preconceitos, o social, de classe, gênero, então quanto mais tu agregar nessas minorias, minorias não em quantidade, mas minorias em acesso aos bens e serviços produzidos, então, quanto mais minorias tu for agregando mais preconceito tu vai sofrer, mais dificuldades tu vai ter, então se tu é: negro, gay, pobre, aí tu já tem três aspectos que te segregam, então, quanto mais certamente [...] (Entrevistado E).

Sabe-se que o padrão heterossexual pressupõe o homem cisgênero, heterossexual, branco, cristão e de classe média/alta, portanto todos que não se encaixam nessas características podem ser excluídos. Entre eles mulheres, LGBTs,

negros (as) e sujeitos da classe trabalhadora, porém, a exclusão se dá de forma mais intensa com os sujeitos que somam essas três características: LGBTs negros (as) da classe trabalhadora, entre outros.

Identificou-se que o preconceito com os LGBTs negros de São Borja, nos diferentes espaços que frequentem na cidade, e em alguns casos fora dela, se dá de forma sutil, onde as pessoas emitem sua opinião conservadora sobre os LGBT de forma educada, constituindo assim, o preconceito velado. Sabemos que os valores conservadores que subsidiam essas opiniões são os mesmos valores subsidiam as violências a que estão submetidos os LGBTs todos os dias e, ainda mais, são também os mesmos valores conservadores que subsidiam os crimes de ódio contra LGBTs ocorridos em todo o país. Segundo os dados levantados pelo Grupo Gay da Bahia – GGB, trezentos e quarenta e três (343) ¹⁰ LGBTs foram mortos no Brasil no ano de dois mil e dezesseis (2016)¹¹, sendo estes, dez (10) lésbicas, cento e setenta e três (173) gays, quatro (4) bissexuais e cento e quarenta e quatro (144) pessoas transgêneras – o estudo também contabilizou doze (12) T-lovers (heterossexuais amantes de transgêneros) . Segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA), do dia primeiro de janeiro de dois mil e dezessete (01/01/2017) até dezesseis de junho de dois mil e dezessete (16/06/2017), setenta e três (73) ¹² travestis e transexuais foram mortas no Brasil, três delas no Rio Grande do Sul. Então, não podemos ignorar os números e fato de que todo o discurso de ódio à LGBTs, mesmo aqueles que se dão de forma velada estão em concordância com o mesmo discurso que mata um LGBT a cada vinte e cinco (25) ¹³ horas em todo o Brasil.

Atos de preconceito explícito contra negros, LGBTs e LGBTs Negros são muito comuns em nossa sociedade, uma vez que, falando em tempos históricos, o fim da escravidão ainda é muito recente, tem apenas 129 anos, e após, o Estado brasileiro não buscou nenhuma forma de ressarcimento pelas violências às quais os negros foram submetidos, fazendo com que vivam ainda nos dias de hoje resultados

¹⁰ O Grupo Gay da Bahia (GGB) ressalva que os números são baseados em subnotificações, já que faltam estatísticas oficiais.

¹¹ Segundo outro levantamento de dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), 2016 foi o ano com maior número de assassinatos da população LGBT no Brasil desde o início da pesquisa, há 37 anos.

¹² Esses dados levam em consideração os casos registrados nos meio legais, estima-se que os números possam ser maiores uma vez que nem todos os casos são registrados, evidenciando o apagamento social a que estão submetidas as pessoas transgêneras no Brasil.

¹³ Estimativa com base no número de LGBTs assassinados no Brasil no ano de 2016.

desse passado de exclusão social (POCHMANN, 2010). Essa exclusão se manifesta nos dias de hoje através da dificuldade de alcance a melhores condições de vida e também no preconceito vivenciado em suas relações sociais, uma vez que a sociedade ainda produz e reproduz muito preconceito contra os negros, preconceito este oriundo do passado escravagista do país e de todas as bases da escravidão que vê nos negros “seres” inferiores que podem ser coisificados, transformados em mercadoria, para servir os seus senhores até a morte. Nos dias de hoje o preconceito com negros pode se mostrar de forma velada e também explícita, porém muitos negros dizem não sofrer preconceito por serem negros, contrapondo essa afirmação temos o depoimento do entrevistado (E), quando perguntado se já sofreu preconceito por ser negro, nos diz:

Muito! Sempre! E continuo sofrendo, isso é uma coisa que está posta, eu fico impressionado quando eu vejo um negro dizer que não sente preconceito, sabe, isso é uma coisa que me intriga, porque pra mim é no cotidiano, no cotidiano, no trabalho... e que, só o negro mesmo que sente [...].

O depoimento evidencia o racismo como algo muito presente na nossa sociedade, uma vez que ele existe como fruto do nosso passado de país escravagista, e pela reprodução de valores eurocêntricos, onde somente quem é branco é visto como bonito, digno, respeitado, e quem é negro é visto como feio, suspeito, desrespeitado, rechaçado e excluído. E essa exclusão não é combatida de forma efetiva pelo Estado brasileiro. Uma tentativa de se romper com os reflexos desse passado escravagista e desse eurocentrismo praticado no Brasil, se deu com a sanção da Lei 10.639 de 09 de Janeiro de 2003 (BRASIL, 2003), que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, como forma de ressaltar a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Desde que passou a vigorar, essa lei encontrou muitas dificuldades para a sua implementação, desde os professores que não se sentiam preparados para trabalhar essas disciplinas, pois não tiveram matérias específicas sobre o continente africano em suas formações na docência, e também pelo fato de não haver bibliografias específicas sobre cultura afro-brasileira que pudessem subsidiar o ensino.

E assim como os negros são rechaçados na sociedade brasileira os LGBTs também são, pois também são vistos como “seres” inferiores, indignos de respeito

por serem “anormais” - por não estarem dentro daquilo que é tido como normal na sociedade capitalista. Isso pode ser visto depoimento.

Um gay assumido na sociedade é o gay que, pra sociedade ele é ridicularizado, é o gay que, tipo, ele tá ali, ele se assumiu porque ele vai conseguir fazer programas, porque a grande maioria dos gays de antigamente, é... procuravam na prostituição, talvez, uma fonte de renda, porque nem todo mundo dava emprego pra um gay, nem todo mundo dava emprego pra um gay assumido. "Eu prefiro o gay normativo, aquele que finge que é hétero durante o dia porque é melhor pra minha empresa" digamos assim. "Eu não vou querer um gay que ele transparece ser gay, que ele é mais afeminado, que ele se veste de tal maneira, que ele tem tal postura, porque ele é assumido". Aí tá o medo da palavra assumido [...] (Entrevistado A).

O entrevistado discorre sobre a apreensão da sociedade quanto ao gay assumido, e o quanto essa apreensão esta baseada em valores heteronormativos, onde o gay é rechaçado se o seu comportamento não estiver de acordo com o que é tido como normal. Porém essa apreensão social do que é ser LGBT está carregada de preconceitos, como pode ser visto nos depoimentos abaixo.

[...] vai dizer que tu nunca escutou, ou melhor, ou que tu nunca leu alguém falar assim: além de negro é puto, no termo pejorativo... E por mais que aconteça com a gente, a gente já escutou alguém falar, mesmo que seja por piada, porque algumas piadinhas elas também servem pra definir o que as pessoas pensam, e é um agravante. Ainda mais, que o negro, por mais que ele seja pejorativado, nem sei se existe essa palavra, mas enfim, na sociedade as outras pessoas gostam de sexualizar os negros, ou é pelo tamanho do dote dele, ou pela virilidade, ou porque tem uma bunda maior, ou etc etc etc. Usam atributos que remetam ao sexo, a sexualidade, pra despertar desejo [...] é raro a gente conseguir debater, encontrar uma pessoa de mais idade que tenha a mente aberta, é claro que a gente encontra, mas é raro. Uma pessoa que hoje tem a faixa de idade dos trinta anos pra cima, quarenta anos, ela teve uma adolescência no final dos anos oitenta, início dos anos noventa, e daí tu para e pensa: não foi nessa época que a gente recriminava os gays pela peste gay etc etc. Apelidaram a AIDS de peste gay. Então, a sociedade naquela época era uma sociedade que discriminava bastante [...] (Entrevistado A).

[...] as pessoas criam essa ideia de que, aí você tem uma pessoa, mas essa pessoa só serve pro sexo, não, né? Muitas vezes não é isso que a gente quer, então acaba banalizando, estereotipando a nossa sexualidade enquanto um objeto [...] (Entrevistado D).

Os depoimentos acima demonstram o quanto os negros e LGBTs, e sobre tudo LGBTs negros podem ser discriminados em nossa sociedade, onde ser negro é visto como algo ruim, e ser negro e LGBT é algo que pior ainda. Revelando a contradição na percepção que se tem dos LGBTs negros, muitos são

hipersexualizados, ou seja, são vistos como seres perfeitos para o sexo, e nada mais além disso. Segundo o depoimento do entrevistado (A), muito da apreensão social que se tem dos LGBTs ainda está ligada à década de 1980, quando da descoberta do vírus HIV e de como este foi atrelado ao público gay, devido às altas taxas de contaminação entre o público LGBT, inferindo assim que este teria surgido entre os LGBTs, como uma praga, um castigo por ter uma sexualidade diferente do que é tido como padrão – padrão heteronormativo.

Tendo como base o preconceito com os LGBTs apreendido nos depoimentos, podemos inferir como essa apreensão subsidia a discriminação nos diferentes espaços que frequentem na sociedade, desde a infância até a fase adulta. Segundo o depoimento do entrevistado G, “desde que eu era criança sempre tive esse trejeitos e tudo mais, e depois que eu me descobri de fato, que comecei a demonstrar isso valendo, tive colegas meus, meus amigos que se afastaram”, mostrando que, desde que começou a ter um comportamento tido como não condizente com seu gênero, passou a perder amigos, pois estes começaram a se afastar dele pela possibilidade de ser gay.

Essa discriminação é muito comum aos LGBTs, sobre tudo na escola, desde os primeiros anos, onde são excluídos por participarem de atividades, ou por terem comportamentos, considerados como impróprios para o seu gênero. Segundo o entrevistado (G), “no colégio eu tinha amigos meninos e tudo mais, fomos colegas, amigos, mas a partir do momento em que eu me descobri de fato, que comecei a demonstrar aquilo, tive pessoas do meu lado que se afastaram”, reafirmando o supracitado. O depoimento abaixo também ilustra.

[...] no ensino fundamental principalmente, eu acho que, até porque eu não sabia direito o que eu era, como me comportava diferente, eu não acho que é diferente! Mas para as pessoas soa como diferente. Pra mim cada um tem seu jeito. Mas como eu me comportava diferente dos outros eu sofri algum tipo de exclusão eu diria e algum tipo de bullying também [...] (Entrevistado B).

Este depoimento evidencia a exclusão sofrida pelo entrevistado (B), onde este diz que sofreu com o preconceito e a discriminação na escola por ter um comportamento diferente dos outros meninos, porém ele ressalta que o seu comportamento não era diferente, pois entende que cada pessoa tem seu jeito. Segundo Faria (1997, p.05) “somos uma construção de identidades múltiplas,

plurais, instáveis, que estão sempre se constituindo”, reforçando a visão do entrevistado sobre sua identidade. O preconceito com LGBTs negros não acaba com a conclusão do ensino médio, pois podem sofrer com o preconceito quando se inserem no ensino superior.

Quando eu fui pra universidade eu pude observar muito isso nitidamente, as pessoas héteros fazendo uma seleção, "nós somos héteros, nós temos a nossa festa" "nós temos o nosso local de morar" "nos temos o nosso local de ir comer", e aí tu vai percebendo que tem essa seleção, "vocês tem aquela boate pra ir" "vocês tem aquele lugar pra frequentar", e daí essa geometrização das coisas fica muito nítida [...] você vê que automaticamente quem é do centro, que é mais hétero, das rurais, se reuni num canto, e o centro das artes se reuni em outro, parece que eles se odeiam, eles se veem e parecem que já vão se pegar, gato e cachorro, e é muito engraçado isso, como a nossa sexualidade impacta na vida deles, eles já te olham com um olhar de ameaça, de prepotência, parece que você está fazendo alguma coisa, na hora de almoçar, por exemplo, eles te olham, eles fazem um olhar, que tu diz: "eu não tô fazendo nada, eu só quero almoçar", e parece que tem essa luta de... "a gente é os homens, vocês são menos que a gente" [...] quando a gente entra no centro eles já ficam com aquele olhar, então, isso também acontece muito, por exemplo, a gente não pode ocupar alguns espaços porque eles estão lá ou porque a gente realmente não quer ficar lá porque a gente sabe que tá sendo mal recebido, então isso causa um certo impacto. A gente prefere ir na lancheria mais longe do centro do que ir na do centro porque la gente sabe que lá vai ter aqueles falando da gente, vai ter eles xingando a gente, vai ter aqueles olhares e tudo mais [...] (Entrevistado D).

Fica evidenciada a intenção dos homens e mulheres cisgêneros e heterossexuais em excluir os LGBTs dos lugares comuns que frequentam, fazendo com que estes lugares sejam frequentados somente por eles, e os LGBTs acabam por procurar outros locais para satisfazer suas necessidades de moradia, alimentação e lazer. Fica evidente também a forma utilizada para intimidar os LGBTs, conforme explicita o entrevistado (D), “com um olhar de ameaça, de prepotência”, para fazer com que os LGBTs tenham medo de dividir os mesmo espaços com estes. Essa postura de ameaça com os LGBTs nos espaços sociais da universidade poderá contribuir para a evasão destes no curso, uma vez que pode se tornar um entrave no processo de formação. E essa exclusão por ser LGBT também pode ocorrer dentro da sala de aula, como pode ser visto no depoimento que segue.

Quando acontece de um aluno gay estudar em uma turma que é toda hétero, eles excluem essa pessoa, e a gente já teve amigos que relataram isso, por exemplo, "ah, eu sou de tal curso, mas eu não pude ficar no curso por causa que eles não queriam que eu ficasse, faziam isso comigo, me agrediam verbalmente, faziam ofensas, inclusive os professores [...] O fato também da gente ser homossexual, impacta no momento que professor tá

dando aula, e eu tenho uma colega trans, e a professora chama a outra de ele, eu disse: "professora, é ela, não é ele". E ela para, fica pensando, e ela: "ok!" [...] (Entrevistado D).

O depoimento evidencia a convivência de um LGBT negro de São Borja em uma universidade federal localizada no Rio Grande do Sul, com a discriminação de outros LGBTs sofrida dentro de sala de aula, onde um aluno gay precisa trocar de curso, pois sofre tanta o preconceito dentro de sala de aula que se vê impossibilitado de continuar no curso que escolheu. E essa discriminação não é praticada somente pelos alunos, mas também pelos professores que compõe o corpo docente do curso. Outro fato evidenciado no depoimento é a expressão da cultura hegemônica subjetivada por muitas pessoas ao tratarem gênero e sexo biológico como sinônimos, ignorando assim a identidade de gênero de pessoas transgêneras, e com isso chamam as mesmas pelo gênero que foi designado no seu nascimento, reforçando uma violência recorrente na vida de muitas pessoas transgêneras, quando não tem sua identidade de gênero respeitada.

O preconceito encontrado pelos LGBTs ao longo de suas vidas também serve como base para a construção de resistência como foi citado no início desse capítulo, nesse sentido, os LGBTs que encontram esses obstáculos no seu dia a dia também procuram fazer ações como forma de resistir à exclusão a que estão sendo impostos todos os dias, como pode mostrar o depoimento:

A gente já fez intervenções dentro do hall, eles odeiam, eles têm ódio, eles ficam assim, eles passam se esquivando da gente, e a gente dançando, fazendo horrores, e eles lá, eles têm pavor. E eles fazem cartas, memorandos dizendo que a gente não pode ocupar espaços... às vezes acontece, tem disciplinas que a gente tem que fazer com eles, muitas vezes eles desistem, eles nem fazem essas disciplinas, eles trocam pra fazer em outro semestre pra não fazer com a gente [...] (Entrevistado D).

Com estas ações os LGBTs buscam resistir ao preconceito e a discriminação a que estão expostos e também como forma de lutar pelo seu espaço, de mostrar para a sociedade que podem e devem ocupar estes espaços, que este é um direito seu e que não tem motivo para se esconder ou deixar de se mostrar como realmente são. O exemplo dado pelo entrevistado (D) mostra a importância da organização para resistir ao preconceito, no entanto, sabemos que esse foi um ato atípico, onde o que predomina é a dificuldade organizativa da comunidade LGBT em prol da luta por seus direitos. Essa dificuldade, abordada anteriormente, se dá pela reprodução

dos valores conservadores presentes na sociedade capitalista, onde há intolerância com a diversidade dentro da própria diversidade, onde LGBTs brancos discriminam LGBTs negros, LGBTs jovens discriminam LGBTs mais velhos, LGBTs magros discriminam LGBTs gordos, gays com características tidas como masculinas discriminam gays com características tidas como femininas, transgêneros binários discriminam transgêneros não binários, LGBTs com maior nível de escolaridade discriminam LGBTs com menor nível de escolaridade, LGBTs com melhores condições de vida discriminam LGBTs com condições de vida inferiores à suas, etc. Podem ser vários os preconceitos produzidos na sociedade e reproduzidos nas relações entre os LGBTs.

As experiências na universidade mostradas anteriormente se deram em uma universidade pública no estado do Rio Grande do Sul, onde um dos entrevistados esta cursando atualmente um curso superior. Porém, outro entrevistado que cursa o ensino superior em São Borja, quando perguntado sobre se já sofreu com o preconceito na universidade, nos fala:

A unipampa é o lugar mais acolhedor pra homossexuais que tu vai encontrar em toda cidade. As pessoas são livres, lá no hall, por exemplo, tu vê um casal de namorados um perto do outro, ou talvez, um deitado com a cabeça no colo um do outro. As pessoas se sentem seguras lá dentro, mas não quer dizer que elas vão estar seguras assim quando saírem do portão pra fora [...] (Entrevistado A).

O campus de São Borja da Universidade Federal do Pampa - Unipampa, por ser um campus onde estão alocados os cursos da área das Ciências Sociais/Ciências Sociais aplicadas, recebe pessoas de todo o país com interesse em seus cursos e sendo assim, é importante salientar o impacto cultural ocorrido na cidade de São Borja após a instalação da Unipampa, uma vez que parte da população julga professores e alunos como pessoas estranhas e, muitas vezes, como subversivos de uma “ordem natural das coisas” por terem modos de vida diferentes dos seus. Rocha (1988, p. 9) afirma,

Nossas próprias atitudes frente a outros grupos com os quais convivemos nas grandes cidades são, muitas vezes, repletas de resquícios de atitudes etnocêntricas. Rotulamos e aplicamos estereótipos através dos quais nos guiamos para o confronto cotidiano com a diferença. As ideias etnocêntricas que temos sobre as “mulheres”, os “negros”, os “empregados”, os “paraíba de obra”, os “colunáveis”, os “doidões”, os “surfistas”, as “dondocas”, os “velhos”, os “caretas”, os “vagabundos”, os gays e todos os demais “outros”

com os quais temos familiaridade, são uma espécie de “conhecimento”, um “saber” baseado em formulações ideológicas, que no fundo transforma a diferença pura e simples num juízo de valor perigosamente etnocêntrico.

A universidade, ao trazer pessoas de diferentes cidades do país, com modos de vida alternativos - talvez por serem das ciências humanas, e encontrarem na universidade teorias que defendam a diversidade - promove o encontro dessas pessoas com a população da cidade. Esses encontros promovem um choque com a cultura local, uma vez que, sob uma visão etnocêntrica, grande parte da população da cidade vê o modo de vida dessas pessoas, estudantes e alunos, como algo errado, segundo Rocha (1988, p, 05),

Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através de nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc.

Esse choque cultural com base em uma ideia etnocêntrica poderá promover violências nas relações sociais entre os novos moradores e os antigos moradores da cidade, entretanto, nesse encontro há também a possibilidade de transformação da cultura local através da relativização que ocorre no encontro dessas pessoas com culturas diferentes.

Quando vemos que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição: estamos relativizando. Quando o significado de um ato é visto não na sua dimensão absoluta mas no contexto em que acontece: estamos relativizando. Quando compreendemos o “outro” nos seus próprios valores e não nos nossos: estamos relativizando. Enfim, relativizar é ver as coisas do mundo como uma relação capaz de ter tido um nascimento, capaz de ter um fim ou uma transformação. Ver as coisas do mundo como a relação entre elas. Ver que a verdade está mais no olhar que naquilo que é olhado. Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença (ROCHA, 1988, p.9).

Muitos dos alunos matriculados no campus da Unipampa em São Borja são LGBTs da cidade e de outras cidades do país, e essa grande quantidade de LGBTs matriculados e interagindo, estudando e discutindo as pautas LGBTs faz com que o campus seja um dos melhores da Unipampa no que tange ao respeito aos LGBTs e suas lutas por direitos sociais. E ao conviverem com a população mostram que a

diversidade existe, podendo assim provocar uma mudança nas relações sociais através dos seus exemplos, uma vez que isso se constitui em resistência ao preconceito e influencia outros LGBTs a se assumirem.

Quando falamos de exclusão dos LGBTs negros, não podemos deixar de citar a exclusão sofrida por estes quando se inserem no mundo do trabalho, seja no modo formal ou informal, pois em decorrência das diversas discriminações e violências sofridas ao longo de suas vidas muitos não conseguem concluir o ensino médio e assim encontram mais dificuldade de conseguir um trabalho onde tenham seus direitos trabalhistas assegurados, além de todo o preconceito que irão encontrar nesses locais. Os depoimentos abaixo ilustram.

[...] uma vez eu tava num camarim fashion, é nome dali... da parte onde eu trabalho, daí a gente faz... pinta, faz aquelas pinturas nas crianças, as crianças adoram. Daí eu tava em uma festa e foi um menino pintar o cabelo, e ele disse que queria todo colorido o cabelo dele, e o pai dele tava junto, e daí ele diz: "Não vai fazer isso no meu filho, vai deixar esse guri igual a tu!" Sabe? Ele falou isso na frente de todo mundo, e daí eu dei aquele risinho, sem graça pra dar uma disfarçada, mas matei ali no peito, me senti muito constrangido porque no momento que um fala ele dá a deixa pra outros falarem, daí as pessoas já começaram a olhar de canto, comentar... os que não tinham percebido, ficou escrachado [...] (Entrevistado G).

[...] eu fui concorrer a diretor de duas escolas, e eu te digo que o fato de ser negro, o fato de ser gay contribuiu bastante, eu não ganhei em nenhuma, nas duas vezes que eu concorri. E quando eu concorri na maior escola, isso veio muito a tona, porque? Porque desqualifica, perante a sociedade isso te desqualifica, então veio muito a tona na época de eleição e é muito chato, e eram coisas... os próprios professore diziam: "o primeiro ato dele se eleito for, vai ser pintar a escola de cor de rosa", as piadinhas, não na minha frente, mas minando, aí surgia boatos: "não, ele assedia os alunos" [...] (Entrevistado E).

Os depoimentos evidenciam a discriminação sofrida pelos LGBTs negros nos seus espaços de trabalho, onde os clientes e colegas de trabalho se usam do fato destes terem a sexualidade diferente dos padrões heteronormativos para diminuí-los, como se a sexualidade destes fosse algo errado, conforme foi colocado pelo sujeito E, "como algo que desqualifica". O fato de serem LGBTs negros torna o trabalho ainda pesado, e a exploração ainda mais desumana, pois, excluem estes dos espaços onde buscam garantir a manutenção de suas vidas já tão sofridas. Isso nos mostra que a vivência dos LGBTs negros é ainda mais difícil do que para outros trabalhadores, pois precisam superar o preconceito encontrado no seu local de trabalho para continuarem nos seus empregos. O depoimento abaixo ilustra.

Muitas vezes diziam muitos xingamentos, muitas coisas, mas tu tinha que relevar, tu tinha que tá trabalhando por outro caminho pra conseguir chegar naquele pai, até porque, pra filha dele participar, pra mostrar que a filha dele poderia ter outra perspectiva de vida, de ter uma cultura diversificada. [...] Eu saí das escolas com um bom relacionamento com os pais, professores e aluno, mas esse relacionamento bom não foi nada fácil de conquistar, foi com muita dedicação, muito esforço, mostrando trabalho, que eu fui conquistando eles até o momento que eu tive que sair, mas que realmente, o começo foi bem difícil, porque a gente, tem a questão dos pais, e muitas vezes os pais falam da gente, e o fato de eu também estar inserido naquele local, que era um local periférico, por morar perto, então acabava sabendo de muitos comentários acerca, então tu vai sabendo [...] eu vi que eles mudaram a visão deles de mim, eles me viam como um negrinho, que dava algumas aulinhas... aí depois, quando eu estava saindo, no último ano eles já me viam de forma diferente, eles já me respeitavam, já me davam: "Oi, tudo bem?", "Como está?", o tratamento mudou, eles diziam: "Fulana gostou da aula!", "Até a próxima!", tu via que eles já chegavam, eles tinham um tratamento diferente, eles sabiam mais quem você era, que as coisas não funcionavam com eles pensavam antes, então, muda muito essa relação [...] (Entrevistado D).

O depoimento evidencia a dificuldade que LGBTs negros encontram para se manter no trabalho, onde para isso precisam conquistar a confiança de patrão, conquistar a confiança do cliente, segundo o entrevistado (E): “é sempre mais difícil, é mais difícil do que pro branco, hétero, cristão, é sempre mais difícil ser reconhecido, tu tem que ser melhor, bem melhor e assim mesmo tu corre o risco de ficar pra trás”. Nessa luta para ter sua competência reconhecida nos seus empregos, e assim mantê-los, muitos LGBTs buscam negar suas identidades alinhando sua estética e seus comportamentos ao que é tido como normal em nossa sociedade, ou seja, buscam se aproximar do padrão heteronormativo, como pode ser visto nos depoimentos abaixo.

[...] no trabalho mesmo, tem que ser muito discreto... muito, muito, muito. Teve a festa de final de ano da empresa onde eu trabalho e eu não pude ir, por causa que, como eu tava namorando, me pediram pra mim não ir, por causa que o gerente é bem homofóbico [...] (Entrevistado C).

[...] em determinados grupos tu não tem, nem o mesmo vocabulário, quando tu tá entre gays, entre héteros, no trabalho, tu tem que ter um certo cuidado porque gera muito conflito, e tu acaba até te incomodando, tu acaba criando problemas se tu não tiver certos cuidados [...] (Entrevistado E).

Fica evidente que, com o conservadorismo presente na sociedade, os LGBTs são praticamente obrigados a se alinharem ao que é tido como normal para se manter em seus empregos, e assim como estudantes que citamos acima podem

fazer ações como forma de resistência ao preconceito presente na sociedade, estes não podem, não o fazem, pois qualquer ato de resistência poderia fazer com que perdessem seus empregos, e é sabido da importância desses, uma vez que a manutenção financeira de suas vidas depende deles.

Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros estão expostos a atos de discriminação em todos os lugares que frequentem, seja em casa, na escola, na igreja, no trabalho, e sobre tudo na rua, onde podem ser vítimas de agressões verbais, físicas ou psicológicas. O depoimento ilustra.

A gente sofre algum preconceito, quando a gente tá caminhando na rua, os gays afeminados sofrem muito assédio, é muito, é revoltante, é escroto, sabe? Tu sente um lixo! Não é por uma questão de que tu tá querendo te exibir, ou que tu quer... sei lá, as vezes, até eu mesmo, por dançar e tudo mais, me exige que eu use roupas que me facilitem a movimentação, então eu uso leggings, uso shorts, eu uso coisas curtas, roupas justas, é eu sempre to caminhando na rua e sempre tem uma piadinha, ou olhares [...] (Entrevistado G).

Fica evidente o quanto os LGBTs podem estar suscetíveis a sofrer violências quando se deslocam pelas ruas da cidade, uma vez que o preconceito é algo tão latente em nossa sociedade, muitas pessoas acham que podem fazer o que querem com LGBTs, como por exemplo, falar mal, gritar, chamar de nomes pejorativos. Como foi dito em certo momento nesse capítulo, na apreensão da maioria da sociedade os LGBTs são hipersexualizados, e isso pode fazer com que fiquem mais expostos a violências sexuais e crimes de ódio quando transitam pelas ruas da cidade.

Ao buscar responder como a exclusão social repercute nas relações sociais dos LGBTs negros de São Borja podemos constatar que o preconceito se dá de duas formas, de forma velada e de forma explícita, uma vez que o preconceito foi identificado não de forma explícita em todos os depoimentos, pois algumas pessoas disseminam sua visão conservadora sobre os LGBTs de forma muito sutil. Usam de palavras rebuscadas e com educação demonstram sua reprovação ao que não está dentro do padrão heteronormativo.

Os julgamentos a que estão submetidos os LGBTs, seja pela forma como se vestem, pela forma como se portam e vivem sua sexualidade, faz com que sejam ignorados e muitas vezes excluídos dos diferentes espaços sociais que frequentem, sejam eles: escola, universidade e também o mundo do trabalho, ou seja, em

qualquer lugar em que se relacione socialmente ele estará sujeito a sofrer com o preconceito. Há uma seleção silenciosa na sociedade, onde o que faz parte do padrão heterossexual é preferido, e, conseqüentemente, todos que não se encaixam nesse padrão podem ser excluídos. Essa exclusão pode ocasionar diversas violências psicológicas, provocando até mesmo o adoecimento psíquico dos mesmos, uma vez que se sentem julgados a todo o momento por não serem inseridos e aceitos de fato na sociedade.

Sabemos que os valores conservadores que subsidiam essas opiniões são os mesmos valores subsidiam as violências a que estão submetidos os LGBTs todos os dias e, ainda mais, são também os mesmos valores conservadores que subsidiam os crimes de ódio contra LGBTs ocorridos em todo o país. Então, não podemos ignorar os números e fato de que todo o discurso de ódio à LGBTs, mesmo aqueles que se dão de forma velada estão em concordância com o mesmo discurso que mata LGBTs em todo o Brasil.

Os atos de preconceito explícito contra os LGBTs negros são muito comuns em nossa sociedade, uma vez que, pela reprodução de valores etnocêntricos, onde somente quem é branco é visto como bonito, digno, respeitado, e quem é negro é visto como feio, suspeito, desrespeitado, rechaçado e excluído. E assim acontece por serem LGBTs, pois também são vistos como “seres” inferiores, indignos de respeito por não estarem dentro daquilo que é tido como normal na sociedade capitalista.

O preconceito explícito com os LGBTs negros acontece na escola desde os primeiros anos, onde são excluídos por não participarem das atividades propostas que separam meninos e meninas e por terem comportamentos considerados como impróprios para o seu gênero. Nos espaços de trabalho, os clientes e colegas de trabalho se usam do fato destes serem LGBTs para diminuí-los, como se a identidade de gênero e sexualidade destes fosse algo errado, como se fosse algo que os desqualifica. Para se manterem em seus trabalhos os LGBTs negros buscam negar suas identidades alinhando sua estética e seus comportamentos ao que é tido como normal em nossa sociedade, ou seja, buscam se aproximar do padrão heteronormativo para se manter em seus empregos, uma vez que a manutenção financeira de suas vidas depende deles.

Pode ser identificado também, que o preconceito encontrado pelos LGBTs ao longo de suas vidas pode servir como base para a construção de resistência como

foi citado no início desse capítulo. Neste sentido, os LGBTs que encontram esses obstáculos no seu dia a dia também procuram fazer ações como forma de resistir à exclusão a que estão sendo impostos todos os dias, mostrando para a sociedade que podem e devem ocupar estes espaços a que tem direito e que não tem motivo para se esconder ou deixar de se mostrar como realmente são.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi conhecer como a exclusão social impacta na realidade vivenciada pelos LGBTs negros de São Borja. Neste sentido constatou-se que a cultura idealista produzida na sociedade e reproduzida pela família, se torna um grande entrave para que os sujeitos LGBTs assumam sua identidade de gênero ou orientação afetivo-sexual, pois encontram ao longo de suas vidas, desde a infância até a fase adulta, cobranças dos diferentes atores sociais por não estarem de acordo com o que é concebido como normal. Essa ideia de normalidade está muito ligada aos valores religiosos, sobretudo oriundos das religiões cristãs, que dizem que deus fez o homem para a mulher, e condena práticas sexuais que fujam desse preceito. Esses valores conservadores provocam diversas violências vivenciadas pelos LGBTs que podem desencadear processos de adoecimento físico e psíquico.

Tendo em voga o cenário encontrado pelos LGBTs, muitos têm medo de assumir sua identidade de gênero ou orientação afetivo/sexual, pois subjetivam a cultura idealista de como devem ser, porém, alguns conseguem ver isso como uma etapa a ser vencida no processo de aceitação de sua identidade social. Outros não veem assim, pois, tomam para si os valores conservadores da sociedade capitalista, e passam a tentar se adequar com o que é certo dentro da perspectiva cultural hegemônica. Eles também passam a cobrar de outros LGBTs a mesma postura. Essa internalização dos valores conservadores presentes na sociedade capitalista pelos LGBTs também faz com que sofram por estarem a todo o momento buscando se encaixar em padrões estéticos e de comportamento, podendo fazer com que desenvolvam adoecimentos físicos e psíquicos.

Ao hospedarem em suas consciências a opressão que vivenciam muitos LGBTs excluem outros LGBTs, pois veem estes como anormais por não estarem buscando uma proximidade com o que ditam os padrões heteronormativos. Esses atos de discriminação entre os LGBTs revela uma das principais razões da exclusão motivada pela intolerância à diversidade na própria diversidade. Esse processo fragiliza a luta dos mesmos pelos seus direitos, pois, para a luta se faz necessário à união de um maior número de LGBTs, para que consigam levar suas reivindicações junto ao Estado.

A exclusão social repercute nas relações familiares dos LGBTs negros através do preconceito que pode ser identificado ora de forma velada e em outros momentos de forma explícita. O preconceito velado pode se dar com aqueles LGBTs que se assumiram e também com os que não assumiram suas identidades de gênero ou orientação afetivo/sexual perante suas famílias. O preconceito velado com os LGBTs que não assumiram a sua identidade de gênero ou orientação afetivo/sexual para a família se manifesta através do silêncio da família ao não abordar a temática LGBT e também quando esta aborda a temática, mas falando de terceiros, sempre depreciando estes e colocando sua opinião como algo certo, que deve ser seguido e nunca questionado. Quando isso ocorre é com a intenção de reprimir o membro LGBT no intuito de que não “saia do armário”¹⁴.

A família evita abordar a temática LGBT dentro de casa, pois este assunto ainda é um tabu, ou seja, visto com algo errado e que não deveria existir. Essa percepção da família faz com que evitem falar sobre o assunto, entretanto, quando falam reproduzem uma perspectiva de reprovação, usando terceiros como exemplo, para mostrar para o familiar o quanto isso é errado e pode envergonhar uma família. Portanto, esse artifício é usado como forma de aumentar o medo que o familiar LGBT tem de se assumir ao ver a reprovação da família.

O preconceito com LGBTs assumidos são mais explícitos, uma vez que a família mostra a sua opinião, ou seja, a sua reprovação falando diretamente ao familiar que este está errado em ser como é. Na tentativa de enquadrar sua família aos moldes de família tidos como normais em nossa sociedade, muitas famílias cometem várias violências com os seus membros LGBTs, ao cobrarem destes, mudanças e alinhamento ao que pressupõe a cultura idealista. Isso se desdobra em diversas violências com os LGBTs, podendo fazer com que estes adoeçam física e psicologicamente, uma vez que torna ainda mais dolorido o processo de aceitação de suas identidades sociais.

O preconceito da família faz com que os LGBTs tenham relações familiares alienadas. Os LGBTs passam a ver a sua família não mais como um lugar que possa contribuir para o seu crescimento humano e pessoal, mas como, mais um obstáculo imposto pelo preconceito. Infere-se que a sagrada família não consegue reconhecer o membro LGBT como parte dela, assim como o sujeito LGBT não se

¹⁴ Sair do armário é uma expressão usualmente utilizada para se referir ao processo no qual esses sujeitos assumem suas identidades de gênero e orientação sexual.

sente parte da mesma. Ao reproduzir o preconceito oriundo da sociedade, a família contribui com a exclusão a que estão expostos os LGBTs no dia a dia, tornando-se mais um espaço onde os LGBTs são feridos em sua dignidade humana e assim, essas famílias não contribuem para a construção da autonomia dos mesmos. Entretanto, é importante salientar que a família pode contribuir com o fortalecimento do familiar LGBT para que possam enfrentar o preconceito reproduzido socialmente.

Dirimimos os julgamentos de valor no tratamento dos dados referentes à família abstrai-se qualquer culpa que esta tenha, pois seus julgamentos são reprodução do preconceito produzido socialmente. Com isso deve-se compreender que a família ao reproduzir tais preconceitos o faz por medo de não saber lidar com a culpa por produzir um membro com tais características e também com as dificuldades objetivas resultantes do fato de ter um familiar LGBT.

A exclusão social repercute nas relações sociais dos LGBTs negros de São Borja através do preconceito que se dá de duas formas: velada e explícita. Foi identificado o preconceito de forma velada em alguns depoimentos, pois constatou-se que algumas pessoas disseminam sua visão conservadora sobre os LGBTs de forma muito sutil. Usam de palavras rebuscadas e com educação demonstram sua reprovação ao que não está dentro do padrão heteronormativo.

Os julgamentos a que estão submetidos os LGBTs, seja pela forma como se vestem, pela forma como se portam e vivem sua sexualidade, faz com que sejam ignorados e muitas vezes excluídos dos diferentes espaços sociais que frequentam, sejam eles: escola, universidade e também no mundo do trabalho, ou seja, em qualquer lugar em que se relacione socialmente ele estará sujeito a sofrer com o preconceito. Há uma seleção silenciosa na sociedade, onde o que faz parte do padrão heterossexual é preferido, e, conseqüentemente, aqueles que não se encaixam nesse padrão são excluídos. Essa exclusão pode ocasionar diversas violências psicológicas, provocando até mesmo o adoecimento psíquico dos mesmos, uma vez que se sentem julgados a todo o momento e por não se sentirem inseridos e aceitos de fato na sociedade.

Os valores conservadores que subsidiam essas formas de preconceito a LGBTs são os mesmos valores subsidiam as violências-físicas a que estão submetidos os LGBTs todos os dias. São esses valores conservadores que subsidiam os crimes de ódio contra LGBTs ocorridos em todo o país. Então, não podemos ignorar o fato de que todo o discurso de ódio à LGBTs, mesmo aqueles

que se dão de forma velada estão em concordância com a prática que mata LGBTs em todo o Brasil.

Os atos de preconceito explícito contra os LGBTs negros são muito comuns em nossa sociedade, uma vez que, pela reprodução de valores etnocêntricos infere-se que somente quem é branco é bonito, digno, respeitado, e quem é negro é visto como feio, suspeito e pode ser desrespeitado, rechaçado e excluído. Por serem LGBTs, são vistos como “seres” inferiores, indignos de respeito por não estarem dentro daquilo que é tido como normal na sociedade capitalista. Também existe um processo mais aparentemente objetivo decorrente da inserção social do negro na sociedade brasileira que exclui mais intensamente essa população do acesso ao trabalho, educação, enfim das possibilidades de viver dignamente. Essa exclusão decorrente de marcas históricas da formação social do território brasileiro amplia-se quando o sujeito negro tem uma identidade de gênero ou orientação sexual diferente dos padrões heteronormativos ocasionando sofrimentos, desrespeitos, dificuldades para inserção na vida escolar, laboral, familiar, dentre outras situações que expressão a exclusão radicalizada na vida dos sujeitos que agregam em suas identidades estigmas decorrentes de sexualidade, gênero, e etnia.

O preconceito explícito com os LGBTs negros acontece na escola desde os primeiros anos, onde são excluídos por não participarem das atividades propostas nas quais são separadas meninos e meninas. Também são excluídos por terem comportamentos considerados como impróprios para o seu gênero. Nos espaços de trabalho, os clientes e colegas de trabalho se usam do fato destes serem LGBTs para diminuí-los, como se a identidade de gênero e sexualidade destes fosse algo errado, como se fosse algo que os desqualificasse. Logo, para se manterem em seus trabalhos os LGBTs negros buscam negar suas identidades alinhando sua estética ao padrão estético branco, alisando cabelo, usando a mesmas vestimentas, etc. Também buscam alinhar seus comportamentos ao que é tido como normal em nossa sociedade, ou seja, buscam se aproximar do padrão heteronormativo para se manter em seus empregos, uma vez que a manutenção financeira de suas vidas depende deles.

Revelando a contradição presente no processo de exclusão social dos LGBTs negros de São Borja, infere-se que alguns LGBTs, ao sofrerem com o preconceito presente na sociedade, desenvolvem uma postura de resistência a esses valores conservadores presentes na sociedade. Eles passam a ter consciência que a

existência destes valores conservadores é causa dos seus sofrimentos e passam a resistir. Essa resistência se estabelece através de uma práxis, pois ao se conscientizarem de sua identidade social, superam a autorrejeição e passam a se aceitar, e a se relacionar como são e com quem desejam. Neste sentido, os LGBTs, ao fazerem ações como forma de resistir à exclusão a que estão sendo impostos todos os dias, mostram para a sociedade que podem e devem ocupar estes espaços a que tem direito e que não tem motivo para se esconder ou deixar de se mostrar como realmente são. Esta resistência expressa em uma práxis autêntica com suas identidades sociais impacta na sociabilidade, pois dá visibilidade a contradição existente entre as normas hegemônicas produzidas pela cultura idealista e a orientação sexual e a identidade de gênero dos sujeitos que não se encaixam nos padrões ditados como “normais”. Nessa perspectiva a visibilidade social desses novos modos de vida gera a negação necessária à transformação das relações sociais reproduzidas pela cultura idealista que geram preconceitos, sofrimentos e violências de todas as ordens.

Constatou-se através do estudo que a subjetivação dos valores conservadores presentes na sociedade capitalista e o preconceito que os LGBT negros encontram nas relações desenvolvidas na família e na sociedade impactam na exclusão social vivenciada pelo LGBTs negros de São Borja. E uma vez que estes impactos estão baseados em um moralismo expresso através do preconceito reproduzido no plano das ideias, pois nos termos de Barroco (2001), ele não tem bases materiais que o legitime. O preconceito é apreendido pelos sujeitos na vida cotidiana através da reprodução de costumes e é aceito acriticamente. É necessário conversar sobre o tema sempre que possível e, sobretudo quando nos depararmos com posições conservadoras que excluem LGBTs negros de nossa sociedade.

Ressaltamos a necessidade de abordar as questões de gênero e de orientação sexual nas escolas não somente com estudantes, mas também com as famílias para que estas possam superar os preconceitos apreendidos na vida. Também é importante problematizar essas questões com as famílias atendidas pelas políticas públicas visto que nesses espaços chegam muitas demandas de violências nas quais os preconceitos com sujeitos negros LGBTs contribuem decisivamente para a intensificação de agressões físicas, psicológicas e sexuais.

No entanto, para essa discussão ser assumida publicamente pelos gestores das políticas públicas e preciso organização na sociedade civil que tencione no

sentido de inserir as demandas desses sujeitos na agenda pública. Portanto, essa disputa deve ocorrer na sociedade civil com o intuito de inserir as demandas desse segmento populacional na sociedade política. A existência de movimentos sociais e de partidos políticos que agreguem essa demanda em suas pautas são organizações necessárias para gerar processos sociais que favoreçam a superação de preconceitos e da exclusão social manifestadas na vida dos negros LGBTs que agregam em suas identidades dois marcadores de exclusão social.

Ressaltamos a importância dos LGBTs se assumirem perante a família e a sociedade como forma de resistir a esse conservadorismo que quer os manter em silêncio e com vergonha de suas identidades sociais. Infere-se que esse primeiro movimento é uma ação que pode ser individual e que impactará nos padrões de sociabilidade podendo gerar condições para organização coletiva com o intuito de avançar no sentido de ampliar cada vez mais a cidadania.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **LGBTfobia na escola: quase 20% dos alunos não querem colegas gay ou trans.** Disponível em: <<http://www.nos2.co/2016/02/lgbtfobia-na-escola-quase-20-dos-alunos-nao-querem-colegas-gay-ou-trans/>>. Acesso em 12 mai. 2017.

ALBUQUERQUE, W. R. **Uma história do negro no Brasil.** Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BARDIN, L. **A análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROCO, M. L. S. **Ética e serviço social: Fundamentos Ontológicos.** São Paulo: Cortez, 2001.

BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BOTTOMORE, T.; OUTHWAITE, W. **Dicionário do pensamento social do século XX.** Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

BRASIL. Resolução nº 175 de 14 de Maio de 2003. **Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas do mesmo sexo.** Brasília. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/files/atos_administrativos/resoluo-n175-14-05-2013_presidencia.pdf>. Acesso em 27 mai. 2017.

_____, Lei nº 10.639 de 09 de Janeiro de 2003. **Dispõe sobre a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana no Brasil.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 15 mai. 2017.

_____, **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em 15 mai. 2017.

CARDOSO, M. R.; FERRO, L. F. Saúde e população LGBT: demandas e especificidades em questão. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 552-563, 2012.

CURY, C. R. J. **Educação e contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez, 2000.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **Os negros nos mercados de trabalho metropolitanos**. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

DINIS, N. F. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 477-492, mai./ago. 2008.

DRUMONT, M. P. **Elementos para uma análise do machismo**. São Paulo: Perspectivas, 1980.

FARIA, L. F. **Bullying homofóbico: implicações na formação docente e na prática escolar**. 4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade; 2º Encontro Internacional de Estudos de Gênero: Fundamentos e Violência. Anais eletrônicos. Disponível em <<http://docplayer.com.br/28563574-Bullying-homofobico-implicacoes-na-formacao-docente-e-na-pratica-escolar-1-leila-fernanda-de-faria-2.html>> Acesso em 02 de maio de 2017.

FOCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GRAUPE, M. E. Gênero, Diversidade e Sexualidades: Formação continuada de professor@s. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO 10, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373462842_ARQUIVO_texto-Mareli-Genero.pdf>. Acesso em 29 mai. 2017.

HAMMEL, P. **Suicídio LGBT: as manchas de sangue da discriminação**. Maceió. Disponível em <<http://esquerdaonline.com.br/2016/09/18/suicidio-lgbt-as-manchas-de-sangue-da-discriminacao/>> Acesso em 12 de junho de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIAS E ESTATÍSTICAS (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Sobre o amor**. São Paulo: Boitempo, 2007.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal, lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LORDE, A. **Textos escolhidos de Audre Lorde**. 2009. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/171382/AUDRE%20LORDE%20COLETANEA-bklt.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

LUZ, R. S. A intersecção dos conjuntos: gays e lésbicas negras em confronto com as hegemonias e sub-hegemonias. In: VENTURI, G. BOKANI, V. (Orgs.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINELLI, M. L. O uso de abordagens qualitativas nas pesquisas em serviço Social. In: MARTINELLI, M. L. (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.

MARX, K. **A questão judaica**. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

MENDES, L. L. Presença LGBT na mídia. In: VENTURI, G.; BOKANI, V. (Orgs.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

NOGUEIRA, C. OLIVEIRA, J. M. **Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero.** Lisboa: Clássica-Artes Gráficas, 2010.

NUNES, C. B. F.; LIMA, L. D. S. C.; TORRES, M. B. S. Família: lócus privilegiado e central da intervenção do serviço social na política de assistência social. **Revista Caminhos**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 24-34, ago./jan. 2016.

PETRY, A. R. MEYER, D. E. E. **Transexualidade e Heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa.** Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011.

POCHMANN, M. **Desenvolvimento e perspectivas para o Brasil.** São Paulo: Cortez, 2010.

PRATES, J. C. **Possibilidades de mediação entre a teoria marxiana e o trabalho do assistente social.** Tese (Doutorado). Porto Alegre: PUCRS, 2003.

RAMIRES, L. Homofobia na escola: o olhar de um educador social do movimento LGBT. In: VENTURI, G.; BOKANI, V. (Orgs.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

ROCHA, E. **O que é Etnocentrismo.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TÜRK, M. G. M. G. **Metodologia da Prática Dialética.** Porto Alegre. Gratürk, 2012.

VASCONCELOS, T. C. Preconceito e intenção em manter contato social: evidências acerca dos valores humanos. **Psico-USF**, v. 9, n. 2, p. 147-154, jul./dez. 2004.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAYA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** São Paulo: Vozes, 1999.